

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Juliana Imthon Zweifel

Teoria das pulsões e as relações de objeto: Ronald Fairbairn critica Sigmund Freud.

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo  
2022

Juliana Imthon Zweifel

Teoria das pulsões e as relações de objeto: Ronald Fairbairn critica Sigmund Freud.

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Maria de Ulhôa Cintra.

São Paulo  
2022

Juliana Imthon Zweifel

“Teoria das pulsões e as relações de objeto: Ronald Fairbairn critica Sigmund Freud”

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico – CNPq

Processo nº 134082/2019-2

A aluna recebeu apoio da FUNDASP

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gilda e Waldemar, *in memoriam*, pela vida e pelas oportunidades oferecidas.

Ao Gustavo, pelo amor, pelo cuidado, por acreditar que seria possível e por me acompanhar nesta andança nem sempre tranquila.

À Professora Elisa Maria de Ulhoa Cintra, pela orientação e sugestões para o presente trabalho.

Ao Professor Luís Claudio Figueiredo: pela concisa, porém profícua observação a este trabalho quando do exame de qualificação e por suas contribuições à Psicanálise.

Aos meus irmãos Fábio, Leandro e Laura: o meu amor.

Aos meus avós Jacob e Helene e Ildefonso e Lucimira, pela delicadeza com que me cuidaram quando mais precisei, por confiarem – exageradamente eu diria – em mim. Ao Vô Jacob, por insistir em ver meus boletins da escola!

Aos meus sogros Dulcina e Emílio, pela companhia.

Aos meus colegas de curso: Carla, Adriana, Victor, Cláudio, Cláudia, Andreia, Arianne e Maria Paula: muito obrigada pela parceria e por compartilharem seus conhecimentos comigo.

Aos gatos Bernardo (*in memoriam*), Santiago, Miguel, Mandala, Dora, Olívia e Benjamin: pela doçura da presença de vocês na minha vida, por despertarem em mim um amor que eu desconhecia e pela companhia durante toda a escrita.

Pra você guardei o amor que nunca soube dar  
O amor que tive e vi sem me deixar  
Sentir sem conseguir provar  
Sem entregar  
E repartir  
Pra você guardei o amor  
Que sempre quis mostrar  
O amor que vive em mim vem visitar  
Sorrir, vem colorir solar  
Vem esquentar  
E permitir  
Quem acolher o que ele tem e traz  
Quem entender o que ele diz  
No giz do gesto o jeito pronto  
Do piscar dos cílios  
Que o convite do silêncio  
Exibe em cada olhar  
Guardei  
Sem ter por que  
Nem por razão  
Ou coisa outra qualquer  
Além de não saber como fazer  
Pra ter um jeito meu de me mostrar  
Achei  
Vendo em você  
E explicação nenhuma isso requer  
Se o coração bater forte e arder  
No fogo o gelo vai queimar  
Pra você guardei o amor  
Que aprendi vendo os meus pais  
O amor que tive e recebi  
E hoje posso dar livre e feliz  
Céu cheiro e ar na cor que arco-íris  
Risca ao levitar  
Vou nascer de novo  
Lápis, edifício, tevere, ponte  
Desenhar no seu quadril  
Meus lábios beijam signos feito sinos  
Trilho a infância, terço o berço  
Do seu lar  
Guardei  
Sem ter porque  
Nem por razão  
Ou coisa outra qualquer  
Além de não saber como fazer  
Pra ter um jeito meu de me mostrar  
Achei  
Vendo em você  
Explicação nenhuma isso requer  
Se o coração bater forte e arder  
No fogo o gelo vai queimar  
(Pra você guardei o amor, composição de Nando Reis)

## RESUMO

Este trabalho é uma abordagem histórica e metapsicológica sobre os primeiros passos da teoria das relações de objeto desenvolvida por William Ronald Dodds Fairbairn como crítica à teoria das pulsões desenvolvida por Sigmund Freud. Para a melhor apreensão do conceito de Pulsão é feita uma análise de seu desenvolvimento, das aplicações da palavra alemã *Trieb*, de suas utilizações na língua natal de Sigmund Freud e em português e suas transformações ao longo do ensino por Freud. É apresentada uma breve biografia de Ronald Fairbairn, bem como descrição e análise das teorias desenvolvidas por Fairbairn na década de 1940, em especial da teoria da libido, teoria do desenvolvimento e da estrutura endopsíquica considerada em termos de relação de objeto. São apontadas algumas limitações da teoria desenvolvida por Fairbairn e pontos de contato entre ela e a teoria pulsional de Sigmund Freud.

Palavras-chave: pulsão, instinto, relações de objeto, objeto, libido, Ronald Fairbairn.

## **ABSTRACT**

This work is a historical and metapsychological approach to the first steps of object relations theory developed by William Ronald Dodds Fairbairn to criticize the drive theory developed by Sigmund Freud. For a better understanding of the concept of drive, an analysis is made of its development, the applications of the German word *Trieb*, its uses in Sigmund's Freud's native language and in Portuguese and its transformations throughout Freud's teaching. A brief biography of Ronald Fairbairn is presented, as well as a description and analysis of the theories developed by Fairbairn in the 1940s, in particular the libido theory, the development theory and the endopsychic structure considered in terms of object-relationships he developed. Some limitations of the theory developed by Fairbairn and points of contact between it and the Freudian drive theory are pointed out.

**Keywords:** drive, instinct, object relations, object, libido, Ronald Fairbairn.

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO II – AS PULSÕES .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Aspectos linguísticos de “<i>Trieb</i>” .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Outros aspectos de <i>Trieb</i> .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 Pré-história: <i>Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico e Projeto para uma psicologia científica</i> .....</b>	<b>21</b>
<b>2.4 História. A teoria pulsional sexual. <i>Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade.</i> .....</b>	<b>27</b>
<b>2.5 Teoria pulsional e suas modificações .....</b>	<b>31</b>
2.5.1 Pulsões do ego .....	32
2.5.2 Pulsões de vida e de morte, Teoria estrutural da mente. A virada teórica dos anos 1920 .....	34
<b>CAPÍTULO III – RONALD FAIRBAIRN .....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 W.R.D. Fairbairn: uma breve biografia .....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Das limitações inerentes à teoria da libido freudiana .....</b>	<b>40</b>
<b>3.3 Procura de Objetos. Princípio de Prazer <i>versus</i> Princípio de Realidade. Libido e procura de objetos .....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 A importância das formações esquizoides para a nova teoria de Ronald Fairbairn.....</b>	<b>50</b>
<b>3.5 Estrutura endopsíquica.....</b>	<b>53</b>
<b>3.6 Qualidade do encontro e teoria do desenvolvimento.....</b>	<b>58</b>
<b>3.7 Sistema Fechado. A dimensão clínica da teoria fairbairniana.....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## I. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa acadêmica começa a nascer de inquietações surgidas em atendimentos clínicos após a percepção de que certos analisandos não se ofereciam ao trabalho analítico da mesma forma como outros que eu costumava atender. O que chamo de oferecer-se da mesma forma diz respeito a como se apresentavam para uma sessão, à forma de comunicar-se, de sentar em lugar de deitar no divã, de contarem suas histórias. Passei a notar em alguns analisandos uma dificuldade maior de comunicarem o que sentiam e pensavam; diante de minhas insistências para que falassem, em lugar de encontrar um estímulo para a fala, surgia um retraimento ou uma fala superficial.

Passei a notar recorrentemente que algo diferente havia ali, que meu pedido para que falassem o que lhes viesse à mente não surtia efeitos; fui percebendo também, após alguma reflexão, que estava fazendo não as perguntas erradas, mas de forma errada! Não era o que, mas como. O retraimento não significava que aquelas pessoas diante de mim não tinham o que falar. Tinham. Mas as histórias não seriam contadas em formato de frases curtas ou palavras: elas queriam contar uma história, no tempo e na forma que conseguissem, se conseguissem.

Além da diferença na forma, fui me deparando com funcionamentos psíquicos que iam de distúrbios de sono e alimentares a adoecimentos psicossomáticos recorrentes (e por vezes literalmente imobilizadores), passando por transtornos *borderline* e depressões que não respondiam ao manejo clínico que eu oferecia até então e entendia ser correspondente ao que se convencionava chamar de “clínica das neuroses”, para a qual eu havia sido instruída em minha formação psicanalítica inicial; os pacientes que apresentavam tais feixes de sintomas e de formas de estar no mundo aparentavam não reunir capacidade psíquica para fazer frente às exigências da vida, bem como revelavam dificuldade no trato com pessoas, em relações cotidianas, como as familiares, com colegas de estudos, de trabalho e, também, nas relações amorosas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em um texto onde comenta os cortes epistemológicos encontrados na teoria freudiana Andre Green menciona a falta de “formações intermediárias” que pode ser percebida em pacientes que somatizam ou atuam (ir ao ato) com frequência: “Compreendemos então que os procedimentos de expulsão para o soma ou em direção ao ato, ou seja, enterrar-se no mais interno ou descarregar para o mais externo, se produzem como se houvesse faltado o que chamo de *formações intermediárias*”, aquelas em que justamente os desejos inconscientes podem encontrar uma forma singular de expressão (sonho, fantasia, ato falho, lapsos etc.) ... Nessa situação o analista tem a impressão de dirigir-se a um paciente sob estado de sonambulismo permanente, vagueando como uma sombra em pleno dia. (GREEN, 2002, p. 134).

Estas pessoas que eu atendia mostravam-se também bastante reclusas em seus mundos internos, pessimistas com relação à possibilidade de “sucesso” do tratamento e com tendência a serem implacáveis consigo mesmas, dentre outras características, como pobreza simbólica, memória escassa ou mesmo inexistente em relação a acontecimentos ocorridos nos primeiros anos de vida, alterações de humor por vezes bruscas e extrema fragilidade emocional.

Se na transferência para com o trabalho analítico havia descrença, no sentido da capacidade de transformação e melhora geral, para com a minha pessoa eu sentia algo como um afeto por parte dos analisandos. Era como se eu fosse alguém em quem quisessem confiar, de quem quisessem estar próximos; não raro ouvia de alguns destes analisandos que eu não precisava usar minhas “técnicas” e conhecimentos para tratá-los, mostrando-se incomodados com certas regras do *setting* analítico, incômodos estes que se revelavam na negociação de horários de sessão, no pagamento de meus honorários, na frequência das sessões, na “obrigação” de falar; nas sessões propriamente ditas não correspondiam, por exemplo, ao meu estímulo para a prática de associação livre<sup>2</sup> ou para se deitarem no divã, além de solicitarem conselhos e fórmulas mágicas para resolverem problemas, convidando-me a ocupar um espaço mais atuante na nossa relação.

Mais de uma vez tomei decisões relativas ao manejo de um trabalho analítico baseadas na leitura clássica do que eu imaginava serem resistências ao tratamento provenientes da transferência para comigo e de resistência à própria técnica, mas notava que meu manejo não só não movimentava o trabalho, como atrapalhava seu andamento, algumas poucas vezes, inclusive, interrompendo-o.<sup>3</sup>

Diante de meus impasses clínicos, parti para a investigação do que poderia estar acontecendo nestes atendimentos e empreendi à conversa com colegas, supervisão e à leitura

---

<sup>2</sup> Decio Gurfinkel (2017, p. 541) usa a expressão “associação dissociada”: “O paciente esquizoide que associa o faz segundo uma atuação dissociada: ele não participa das fantasias descritas, exceto como um “agente registrador”, e obtém uma satisfação narcisista de fazê-lo em primeira mão, sempre na frente e em uma posição de superioridade em relação ao analista. Ele, assim, evita o problema terapêutico central: libertar e dispor “as cargas dinâmicas conhecidas como impulsos” para investir na relação de objeto. Para Fairbairn, “os resultados terapêuticos estão intimamente relacionados com o fenômeno de transferência, isto é, com o estabelecimento por parte do paciente de um tipo especial de objeto com o analista (FAIRBAIRN, 1944/1980, p. 69).

<sup>3</sup> No dizer de Talya Saadia Candi, ao prefaciar a edição de 2017 de “A loucura privada” de André Green, sobre a percepção do analista francês da dificuldade de certos pacientes em ambientar-se num *setting* psicanalítico “clássico”: “... E por outro lado, vemos ele [Green] se empenhar em forjar conceitos metapsicológicos que possibilitem aumentar o alcance do método psicanalítico para pacientes que não suportariam o rigor da abstinência e do silêncio que caracteriza o enquadre psicanalítico padrão e que estariam portanto no limite do analisável. (GREEN, 2017, p. 11, grifos meus).

de autores que são referidos à clínica dos chamados *pacientes-limite* ou *pacientes-difíceis*, com a esperança de que nelas encontraria orientações para os atendimentos propriamente ditos.

Eu me sentia bastante pressionada a oferecer àqueles pacientes um ambiente favorável para que a ele quisessem voltar, uma solução criativa para o *setting*, como Camila Junqueira também chama em *Metapsicologia dos limites* e onde afirma que casos considerados “não-neurose” demandam cada vez mais uma “metapsicologia dos limites”, assim por ela descrita:

Penso que a “metapsicologia dos limites” pode ser definida, de modo geral, como parte da teoria psicanalítica que visa compreender a estruturação e o funcionamento dos limites do psiquismo, e, de modo específico, como parte da teoria psicanalítica que se destina a compreender a etiologia, o funcionamento e o tratamento das patologias-limite, manifestações decorrentes de falhas na constituição e no funcionamento dos limites do psiquismo. (JUNQUEIRA, 2019, p. 24).

Não é difícil imaginar o quanto tais experiências clínicas me levaram a primeiramente tentar encaixá-los em teorias psicanalíticas que eu conhecia desde o período de minha formação em psicanálise. No entanto, conforme tais hipóteses teóricas – que tinham na teoria estrutural da mente de Freud e na teoria pulsional, o fundamento do psiquismo - não me socorressem, passei a procurar outras que pudessem me auxiliar na compreensão, na escuta e manejo de meus pacientes; este percurso acabou por me conduzir à pesquisa e leitura de textos relativos, especialmente, à teoria das relações de objeto e teoria relacional (*Relational psychoanalysis* – relações com objetos externos e internos), a partir das quais efetivamente passei a conseguir “ouvir” um pouco mais e melhor meus pacientes “difíceis”.

Mesmo satisfeita por conseguir abrir uma vereda teórica que me permitia chegar a hipóteses e mesmo conclusões sobre atendimentos tão especiais, continuei intrigada com a diferença de abordagem ao psiquismo humano que eu percebia entre a teoria freudiana “clássica” e aquelas ditas “relacionais”, intersubjetivas ou “de relações de objeto”.

Desta descoberta de que havia formas tão distintas de perceber e explicar a motivação do psiquismo humano surge minha vontade de pesquisar não somente as para mim novas teorias de relações de objeto, bem como compreender suas distinções mais significativas.

Encontrei em Donald Winnicott, Michael Balint e Ronald Fairbairn, hipóteses teóricas que colocavam as relações de objeto no ponto central do psiquismo, mais ou menos significativa que o fenômeno pulsional. Tais autores evidentemente não ignoram, muito

menos negam a existência das pulsões, mas convocam - em maior ou menor grau – as relações de objeto a participarem do construto teórico, no que diz respeito à formação e funcionamento do aparelho psíquico.

Dentre os autores lidos, um em especial despertou maior interesse, por ter sido quem se opôs expressa e abertamente ao aspecto da teoria pulsional freudiana segundo a qual a pulsão persegue primordialmente o prazer e o obtém através de sua descarga, por opor-se à teoria freudiana estrutural da mente (Id, Ego e Superego), por adotar a teoria da qualidade do amadurecimento como fundamental ao desenvolvimento humano e, também, por incomodar-se com a teoria da sexualidade produzida por Freud.

Trata-se de Ronald Fairbairn, a quem passo a conhecer através da leitura de *Psicanálise depois de Freud – Teoria e Clínica*, de Norberto e Celia Bleichmar. Neste livro me deparei com uma passagem sobre o autor escocês no capítulo “Inovações teóricas e técnicas no grupo Britânico: “Fairbairn, Guntrip e Balint” em que os autores argentinos afirmam, relativamente à teorização do psiquismo proposta por Fairbairn, que a libido não mais seria entendida como o motor e o eixo de formação do sujeito, mas um “veículo” de relação entre este e os objetos. Abaixo, a transcrição completa do trecho em questão:

Esta definição teórica [teoria do desenvolvimento psicogenético da estrutura da personalidade em termos de relações objetais] produz uma importante mudança no tipo de conceptualização que Fairbairn faz. Se o que realmente importa, de um ponto de vista psicológico, é como o psiquismo se constitui, a partir das relações com os objetos do meio ambiente, então a libido não é mais do que um veículo de relação com estes e não o motor e eixo de formação da estrutura. A libido é, primariamente, buscadora de objetos e não do prazer ou da descarga, tal como Freud havia proposto. (BLEICHMAR; BLEICHMAR, 1992, p.196).

Empreendi à leitura de *Relações objetais na teoria psicanalítica* de Greenberg e Mitchell (1994), cujo entendimento sobre as teorias pulsional e de relações de objeto correspondiam à hipótese que então eu fazia – embora não de forma consistente - de que o ser humano é motivado pelas relações pessoais e que a dependência da manutenção destas relações – mesmo quando não prazerosas – atendia a uma certa demanda que, quando não acolhida, poderia produzir uma forma de existir no mundo bastante sofrida, limitada e pouco ou nada criativa.

Para os americanos:

Há certos princípios fundamentais que, uma vez chegados a eles, Freud nunca mudou, o que impregna seus escritos durante toda a sua carreira com uma visão particular da natureza do homem e dos constituintes básicos da experiência humana. (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. 17).

A partir de suas crenças nas relações de objeto, Fairbairn vai sugerir que a clínica surgida a partir da teoria por ele proposta admite uma “relação” entre analista e analisante, resultado da relativização da regra da abstenção por parte daquele. Assim se manifesta Fairbairn, a respeito deste ponto em *In defence of object relations theory*:

Estou convencido de que é a relação do paciente com o analista que medeia o efeito “curativo” ou “salvador” da psicoterapia. No que diz respeito ao tratamento psicanalítico a longo prazo, o que medeia o processo de “cura” ou “salvamento”, mais especificamente, é o desenvolvimento das relações do paciente com o analista, através de uma fase na qual as relações patogênicas anteriores são repetidas sob a influência da transferência, um novo tipo de relacionamento que é ao mesmo tempo satisfatório e adaptado às circunstâncias da realidade exterior. (FAIRBAIRN, [1955] (1994), p. 128).

Minha formação em psicanálise quase exclusivamente a partir do estudo da teoria freudiana das pulsões me levava a procurar nos analisandos o conflito pulsional, o recalque de pulsões e de desejos no sentido de “libertá-los” na vida real, a memória reprimida; depois de começar a ler autores que contemplavam as relações interpessoais e de objeto como pontos de partida da constituição subjetiva passo a escutar as relações entre o analisante e seus os objetos internos e externos, as falhas ocorridas ou percebidas em suas tentativas primeiras de amor e como elas apareciam em suas vidas atuais.

Embora tenha sido a prática clínica a me conduzir às leituras sobre as relações de objeto em geral e dos textos de Fairbairn em especial, foi a curiosidade por uma teoria, à época para mim bastante inusitada, que me estimulou a empreender a pesquisa que resultou no presente trabalho, maiormente sob o viés das metapsicologias produzidas por Fairbairn e por Freud reveladas por minhas leituras iniciais.

Minha aproximação com Fairbairn, além de ter ocorrido pelas razões já expostas, também apoiou-se em um sentimento que eu nutria à época e até os dias atuais, de que as teorias que contemplam as relações entre pessoas como o motivo para o viver, contribuem para uma clínica que eu intuitivamente praticava e que foi se consolidando ao longo do tempo. Os autores que a leitura iniciada em Fairbairn foi me apresentando me diziam que a clínica que eu gostava de praticar já havia e continuava a ser pensada por autores das chamadas escolas das relações de objeto.

A pesquisa não poderia deixar de abordar, ainda que brevemente, a biografia de Fairbairn, que entendemos ter grande participação no percurso teórico e clínico do autor escocês e a repercussão de seus axiomas, em especial na clínica contemporânea.

Antes, porém, considere necessário explorar o vocábulo alemão *Trieb* em suas potencialidades linguísticas e psicanalíticas, tanto na língua materna de Freud quanto em outras para as quais foi traduzida, em especial o português.

No item seguinte abordo a formação do conceito de pulsão no espírito de Freud. Para tanto, percorro em um primeiro momento o percurso que Freud faz na construção do conceito a partir de textos fundamentais para sua compreensão (ainda que, evidentemente, nunca completa). Os textos escolhidos foram *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891), o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), os *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), nos quais o psicanalista austríaco vai formando, revisando e modificando seu entendimento não somente sobre as pulsões mas também sobre o princípio de prazer, princípio de realidade, dualidade pulsional, sexualidade, estruturas da mente e outros temas.

Por fim, neste primeiro capítulo, visitei *Além do princípio de prazer* (1920) que representou histórica e metapsicologicamente um momento de inflexão na teoria freudiana que vai ser um dos “alvos” da crítica fairbairniana.

Nos itens 3.2 a 3.7 do terceiro capítulo discorro sobre os temas mais caros e fundamentais ao conhecimento da teoria proposta por Ronald Fairbairn, abordando a revisão da teoria da libido propriamente considerada até o conceito de “sistema fechado” e repercussões clínicas, passando pela esquizoidia como elemento essencial ao seu pensamento, e teorização de uma nova estrutura mental por ele denominada “estrutura endopsíquica”. Abordo também a nova teoria de desenvolvimento, baseada na maturidade e na qualidade do encontro.

Por fim, nas “Considerações Finais” faço uma leitura de limites de alcance e de contribuições à psicanálise das teorias desenvolvidas por Fairbairn.

*De que é feita a matéria da história ou a de nosso presente,  
senão de destinos de pulsões que se entrecruzam?*  
André Green, 2002, p. 147

## CAPÍTULO II – AS PULSÕES

### 2.1 Aspectos linguísticos de “*Trieb*”

Antes de iniciarmos o estudo propriamente dito da Teoria das Pulsões desenvolvida por Freud, faremos uma breve digressão sobre as terminologias empregadas para o que até aqui chamamos “pulsão”, e sobre o termo correspondente no alemão, seus sentidos e utilizações no idioma de escrita original de Freud. Para tanto, vamos nos valer, como guia, do trabalho desenvolvido por Luiz Hanns em “A teoria pulsional na clínica de Freud” e do “Dicionário comentado do alemão de Freud”, do mesmo autor.

Entendemos ser importante examinar o vocábulo tanto no idioma alemão como nas suas traduções para o português na medida em que a escolha de uma palavra nunca é fortuita, vez que representa, num significante, parte ou a totalidade da ideia que a ela é subjacente.

A palavra alemã utilizada por Freud na teorização das pulsões é *Trieb* que, de acordo com Hanns tem sua origem como segue:

Etimologicamente, *Treiben* – o verbo – no alemão gótico tem a forma *dreiban*, no antigo alto-alemão *triban*, no médio alto-alemão *triben*. Além do sentido genérico de “colocar em movimento”, tanto o verbo como suas substantivações eram utilizados de modos específicos, por exemplo o verbo *treiben* podia ter o significado “fazer as plantas crescer”. O substantivo *Trieb*, no médio alto-alemão *trip*, além do sentido de “colocar em movimento”, substituiu a palavra *trift*, cujo significado era “corrente marítima”, “balsa de madeira”, “pasto”. Designava, assim, o efeito sofrido passivamente de *treiben*. Em inglês *drive* e *drift* e em sueco *driva* e *drift* têm correspondência com as formas germânicas mais antigas de *Trieb* e *trift*. (HANNS, 1996, p. 344).

Como se vê, tanto o substantivo *Trieb* como o verbo correspondente – *Treiben* - trazem a ideia de movimento, de percurso, de causa e efeito.

Modernamente, *Trieb* (substantivo) e *treiben* (verbo) significam: 1) força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene; 2) tendência, inclinação; 3) instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades; 4) ânsia, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa; 5) broto, rebento (vegetais). Designa na botânica o broto que nasce do caule (HANNS, 1996, p. 345). O substantivo *Trieb* contém e entrelaça as ideias de princípio geral do ser vivente, de força biológica, estímulos e sensações que se manifestam *no* corpo somático, e algo que se manifesta *para* o sujeito.

Não é difícil compreender a escolha que Freud faz de *Trieb* para representar seu pensamento daquilo que ocorre no organismo humano e demanda do psíquico uma representação, uma solução, formando assim o que Freud chamou “conceito-limite”:

Voltando-nos agora do lado biológico à observação a partir da vida anímica, então nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. (FREUD, [1915] (2013), p.33).

Em português, o termo *Trieb* foi traduzido para o neologismo *Pulsão* e para *instinto*. O primeiro termo é utilizado somente no jargão psicanalítico, tendo inspiração no francês “Pulsion”. Por sua vez, instinto, que é um vocábulo de largo uso no idioma português, possui alguns significados inexistentes em *Trieb*, como “intuição”, “inclinação”, “sequência estereotipada de ações”. Tais significados são correlatos a algumas acepções do substantivo *Instinkt*, no alemão.

Outras conotações presentes em “instinto”, porém não encontradas em *Trieb*, são o aspecto biológico e a tentativa de traduzir para uma linguagem científica um aspecto animal do comportamento humano. Por outro lado, ainda de acordo com Hanns, não encontramos em “instinto” as seguintes características encontradas em *Trieb*: força interna que impele, tendência, inclinação, ânsia, impulso.

Parece-nos que a palavra “pulsão” adere melhor ao vocábulo alemão *Trieb*, vez que contempla significados que “instinto” não consegue abarcar. Hanns (1996) destaca com esmero esta característica:

No seu emprego psicanalítico, tais dimensões [a polissemia de *Trieb* em alemão] nem sempre podem ser mantidas em separado, entrelaçam-se e se manifestam de formas diversas. Entretanto, apesar de reformular repetidas vezes sua teoria pulsional e movimentar-se ao longo de todo esse arco de possibilidades que linguisticamente o termo alemão permite abarcar, Freud mantém-se, ao longo de toda a obra, próximo dos mencionados aspectos denotativos e conotativos de *Trieb*, algo indeterminado, poderoso, anterior ao instinto, algo que vem de alhures (impessoal, atemporal) e que coloca o indivíduo em movimento. (HANNS, 1996, p. 350).

Como nos lembra Pedro Heliodoro Tavares, que coordenou a tradução de “A pulsão e seus destinos” promovida pela editora Autêntica numa edição bilingue, também parece-nos que o termo *pulsão* adere muito bem ao nosso idioma:

Num texto que visa tratar não somente da *pulsão*, mas também das “derivações dessa deriva”, seus destinos (*Triebchicksale*), vemos, afinal, curiosas relações com as derivações por prefixos relacionados ao elemento de composição propositivo – *pulsão* (Houaiss; Villar, 2001). Se em seu livre curso a pulsão seria

pura *im-pulsão* ou *pro-pulsão*, na direção de um objeto em busca de sua satisfação, a “reversão em seu contrário”, como no caso da transformação em ódio, faria da pulsão uma *re-pulsão*. Quanto ao “retorno em direção à própria pessoa”, esse se caracterizaria pela própria *retro-pulsão*. O “recalque”, como rejeição de uma representação, seria, de certo modo, sua *ex-pulsão*, enquanto certas manifestações de “sublimação” beiram as *com-pulsões*. Escutemos, pois, em nossa língua, as *pulsões* dessa força impelente e constante. (FREUD, 2013, p.69-70).

## 2.2 Outros aspectos de *Trieb*.

Quanto ao uso das várias formas decorrentes de *Trieb*, Hanns se propõe, em uma grande nota de rodapé no Apêndice II em “A teoria pulsional...”, analisar as várias semânticas dos vocábulos *Trieb*, *Instinct*/Instinto e *Pulsion*/Pulsão sob os aspectos (i) linguísticos e (ii) teórico-psicanalíticos, por um lado, e (iii) político, (iv) pedagógico e (v) de tradução propriamente dita.

A análise semântica sob o viés teórico-psicanalítico é interessante porque contempla as escolhas teóricas feitas pelas diversas escolas: a britânica, por exemplo, opta por utilizar o vocábulo *Instinct*. Essa opção sugere uma segmentação do arco pulsional e um esvaziamento do conceito de *Trieb*, como um “[...] fenômeno psíquico arcaico na forma de impulso, afeto e imagem” (HANNIS, 1999, p. 208). Estes fenômenos estariam, por assim dizer, compreendidos na noção de instinto. Referida segmentação, segundo Hanns, do arco pulsional, ocorreria por conta da ênfase que a escola inglesa dá ao que seria um segundo segmento do arco pulsional: a simbolização e as relações de objeto.

Outra escola importante e que faz uma opção de uso de um termo distinto do da inglesa é a francesa: a partir de Lacan ressaltou-se a noção de pulsão sexual e de desejo em Freud, reintroduzindo a noção de pulsão.<sup>4</sup>

Os aspectos pedagógicos e de tendências de tradução apontam para uma maior incidência do termo Pulsão, que seria mais esvaziado de sentido em português e, por isso, provocaria um maior “estranhamento” entre os leitores, capturando sua atenção.

A tradução de *Trieb* no idioma português por “instinto” ou por “pulsão” sempre produz calorosos debates, posto que a escolha do vocábulo importa numa gama enorme de consequências teóricas ao leitor e estudante de psicanálise, além de conjecturas acerca do

---

<sup>4</sup> Aqui, apenas como uma curiosidade, remetemos novamente a Pedro Heliodoro Tavares, segundo o qual, ao contrário do que se costuma pensar, Lacan não inventou a expressão *Pulsion*, que já era encontrada no dicionário Petit Robert em 1910.

conceito mesmo do fenômeno que Freud batizou. Para Tavares (2011) um fator de complicação para as traduções é “[...] o ineditismo das proposições freudianas, marcadas por novas concepções de cultura e de sujeito”. (TAVARES, 2011, p.380).

A primeira tradução para o português deu-se a partir de uma outra - para o inglês - dos textos originais de Freud no alemão. Foi necessário aguardar que os direitos autorais das obras de Freud em alemão passassem ao domínio público (o que ocorreu em 2009) para que novas versões pudessem surgir, desta feita diretamente do idioma original em que foram escritas.

Na tradução brasileira, promovida pela editora Imago, optou-se por empregar predominantemente *instinto* para designar o *Trieb* freudiano, embora pulsão apareça em algumas passagens como em “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” e nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Curiosamente no texto fundamental ao conceito em si, *Trieb und Triebschicksale* foi traduzido para “Instinto e suas vicissitudes”.<sup>5</sup>

Em trabalho mais recente, editado pela Companhia das Letras, já na era de domínio público das obras freudianas, Paulo César de Souza optou por “instinto”, e fez um alerta aos leitores para que “Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional...”.

Entre os tradutores há duas principais correntes: há os que traduzem cada palavra segundo o contexto em que aparecem. Assim, *Trieb* pode ser “impulso”, “força” etc. No outro grupo há os que utilizam apenas uma palavra para cada termo no alemão, na maior parte das vezes optando por Pulsão. Thomã e Chesire (apud HANNS, 1996, p. 209) têm proposto uma solução intermediária, que é inserir o termo alemão entre parênteses ao lado de sua correspondente tradução.

Laplanche e Pontalis em seu célebre “Vocabulário da Psicanálise”, advogam em favor do termo *pulsão* (para os autores, no francês, *pulsion*) em lugar do também francês *instinct*, que tem as mesmas implicações que *Instinkt* no alemão e que a seu ver “[...] é usado por Freud para referir o comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 394).

---

<sup>5</sup> Esta tradução ignora inclusive que a palavra *Triebschicksale* contém o vocábulo *Trieb* e que vicissitudes no alemão seja traduzido para *Wechselfälle*.

Bruno Bettelheim (1982), em seu enxuto, porém excelente “Freud e a alma humana” comenta a tradução de vários conceitos fundamentais de Freud do alemão para o idioma inglês que aquele autor vienense passou a adotar depois de mudar-se de Viena para os Estados Unidos em 1939. Quanto à tradução de *Trieb* considerou-a lamentável como “instinto” (em inglês, *instinct*) dado que o conceito designado por esse termo desempenha um papel importantíssimo no sistema freudiano:

Ao traduzirem o título do importante ensaio de Freud, *Triebe und Triebchicksale* (1915), os tradutores cometeram dois graves erros. Não só não traduziram *Triebe* como “instintos”, em vez de “impulsos” ou “impulsões”, mas ainda por cima substituíram *Schicksale* (sorte, destino) por “vicissitudes”. (BETTELHEIM, 1982, p. 123)

A grave consequência produzida pela tradução de *Trieb* para *instinct* (instinto), na opinião de Bettelheim, é que altera o conteúdo mesmo do pensamento freudiano, posto que Freud não acreditava que aspectos mais importantes do comportamento humano fossem determinados pelos instintos e estivessem fora do alcance de uma porção consciente do ego. Aponta o autor vienense que, assim fosse, a psicanálise seria uma impossibilidade.

Birman (2009) nos auxilia a pensar o “soma” como não-biológico quando aponta que o corpo (soma) que aparece na ideia de “conceito-limite” freudiana é um corpo já erogeneizado:

O registro somático foi convertido no registro *erógeno*, isto é, o organismo foi efetivamente transformado num *corpo*, pois o que está em jogo o tempo todo na construção empreendida pelo discurso freudiano é a realização da experiência de satisfação, pela acoplagem dos impulsos a objetos que a possibilitariam. Seria justamente por essa *transformação* crucial, pela qual o organismo se transmuta num corpo que é erógeno, que o discurso biológico não pode dar conta desse processo e torna-se epistemologicamente necessária a construção do discurso metapsicológico. (itálicos no original). (BIRMAN, 2009, p. 117).<sup>6</sup>

Neste trabalho, em especial no capítulo III, adotaremos, quando no original não estiver expressamente “instinto”, o termo “pulsão” por entendermos que representa com

---

<sup>6</sup> Para a psicanálise quando uma criança, ao nascer, recebe os cuidados maternos, seu corpo se torna erógeno, pois junto com os cuidados existe um “banho de libido” que faz com que aquele “conjunto de células que formam um organismo” se transforme em um corpo erógeno. Entendemos que é desta transformação que Birman fala quando diz “o organismo foi efetivamente transformado num *corpo*, que guarda as marcas da história afetiva pela qual ele está passando. O discurso biológico (ou dos instintos) não pode dar conta desse processo. Cria-se, então, uma exigência, de construir um discurso (metapsicológico e metabiológico) que possa dar conta desta natureza híbrida do ser humano, que é um organismo que foi erogeneizado pelos cuidadores que deixaram nele a marca de suas histórias e de sua cultura. Por isso a pulsão (que faz parte do discurso metapsicológico e metabiológico) é algo muito diferente do instinto, embora se apoie nele: o registro somático foi convertido no registro *erógeno*, isto é, o organismo foi efetivamente transformado num *corpo*, pois o que está em jogo o tempo todo na construção empreendida pelo discurso freudiano é a realização da experiência de satisfação, pela acoplagem dos impulsos a objetos que a possibilitariam.

mais precisão o universo semântico de *Trieb* percebido ao longo da obra freudiana e porque a palavra “instinto” usada no Brasil remete a “algo ancestral, adaptativo e genético”, conforme observado por Estevão (2012, p. 83). Neste sentido, utilizar *instinto* sugere mais uma ideia de algo inato e inevitável do que uma característica individual e própria de cada um, de acordo com sua história particular.

### **2.3 Pré-história: *Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico e Projeto para uma psicologia científica.***

Ainda na esteira do percurso do pensamento freudiano para a formação da teoria das pulsões e superada a questão do vocábulo *Trieb*, vamos nos dedicar a partir de agora ao conceito de “pulsão” concebido por Freud, partindo de “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico” e “Projeto para uma psicologia científica”.

No longínquo 1891 Freud publicou um texto que, curiosamente, ficou de fora de vários trabalhos – brasileiros e estrangeiros – que se autointitulam “obras completas de Freud”. Segundo Strachey, editor dos textos standardizados ingleses traduzidos para o português, “Sobre a concepção das afasias” seria um texto não psicológico, de cunho neurológico, razão pela qual não foi incluída nas obras completas.

É de estranhar tal decisão, posto que no texto de 1891 - que trata justamente da linguagem e seus extravios - Freud antecipa palavras – e conceitos - que apareceriam ao longo de todo seu ensino nas décadas seguintes, como “associação” [Assoziation], transferência [Übertragung], objeto [Objekt], psíquico [Psychische] e estímulo [Reiz], entre outros.

Pedro Heliodoro Tavares, que assina a apresentação da edição brasileira de *Sobre a concepção...* concorda que o grande valor da obra é a antecipação de vocabulário e de concepções:

Fundamentalmente, seguindo a pista fornecida pelo competente tradutor do texto aqui apresentado, acreditamos que o elemento fundamental aportado pelo *Estudo* diz respeito às antecipações do vocabulário e de concepções metapsicológicas num texto tão longamente ignorado por ser considerado um trabalho aparentemente alheio à problemática psicanalítica. (FREUD, [1891](2013), p. 7)

Numa passagem interessantíssima no item *A localização de elementos psíquicos baseia-se somente em uma confusão do psíquico com o físico*, Freud analisa a relação de causalidade entre “processos fisiológicos” e “processos psíquicos”:

Os processos fisiológicos não cessam assim que os psíquicos tenham começado; ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada membro dessa cadeia (ou membros isolados dela) corresponde um fenômeno psíquico. Assim sendo, o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico (“um concomitante dependente”). (FREUD, [1891](2013), p. 66)

É em *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* que Freud lança as primeiras sementes do que quatorze anos depois, aparecerá sob o nome de pulsão, associada à sexualidade, portanto *pulsão sexual*.

Mesmo sem ainda nomear o fenômeno, Freud entendia, agora corroborado pelo que escutava em sua clínica<sup>7</sup> e não apenas por hipóteses teóricas e pesquisas em laboratório, que existia algo que provinha do corpo que promovia uma pressão *sobre o psiquismo*, exigindo-lhe uma resolução com a finalidade de redução desta através de descarga. Referências a estes eventos somato-psíquicos aparecem no Projeto para uma psicologia científica, escrito entre abril e dezembro de 1895 em formato de cadernos, num total de três, e enviado em partes para Fliess, então o interlocutor mais assíduo de Freud.

Freud (1895) denominava a pressão de “estímulos” e assim os imaginava:

O que sabemos a respeito dos estímulos *endógenos* pode-se expressar no pressuposto de que eles são de natureza intercelular, que se produzem de forma contínua e que só periodicamente se transformam em estímulos psíquicos. (FREUD (1950) [1895], p. 386, grifo do autor)

Na abertura do Projeto, Freud (1895) esclarece a finalidade de seu trabalho:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural, isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. (FREUD [1895](1950), p. 347, não há grifos no original)

Numa carta a Fliess em maio de 1895 Freud desabafa com o amigo:

Estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá tomar a teoria do funcionamento mental se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas e, em seguida, extrairmos da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. (MASSON, 1986, p. 130)

O Projeto contém o embrião do que a partir de 1905 seria a teorização da força que brota no corpo e que precisa de um objeto não tão somente para ser *descarregada*, mas para

---

<sup>7</sup> Kieran Durkin, num texto sobre Erich Fromm, assim observa a importância do texto freudiano de 1891 “Embora seu primeiro trabalho [de Freud], *On Aphasia: A Critical Study*, defendesse o reconhecimento da importância das condições funcionais da linguagem acima das explicações neurológicas em relação à afasia, sua experiência com pacientes histéricos o havia convencido do papel estrutural que a sexualidade desempenha.” (DURKIN, 2014, p. 73)

constituir-se propriamente em pulsão. Green compreendeu esta característica dialética ao afirmar que: “Se tomarmos como ponto de partida a demanda, que se manifesta por intermédio da ativação pulsional, o modo como o objeto terá respondido a tal demanda contribui para a estruturação primitiva organizadora”. (GREEN, 2005, p. 59).

Freud escreveu o *Projeto*, como já mencionado, entre abril e dezembro de 1895, mas assim que o finalizou, pediu a Fliess que destruísse os cadernos que o compunham e que já lhe haviam sido anteriormente enviados. O pedido não foi atendido, para a felicidade dos futuros apreciadores, estudantes e praticantes de Psicanálise, que dele tomariam conhecimento, no entanto, somente a partir de 1950.

Dez anos depois de redigir o *Projeto*, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” é que Freud vai começar a conceituar o que antes percebia como um fenômeno tão somente biológico-energético, “de natureza intercelular” e neural que continha uma ligação com o psiquismo. Neste primeiro enfrentamento do tema Freud assim se refere à agora já batizada Pulsão (*Trieb*) (1905):

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se a isso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido”. (FREUD [1905](2006), p. 128)

Na primeira versão de *Os três ensaios...* a pulsão é basicamente sexual, que é o aspecto humano pelo qual Freud escolhe inaugurar sua teoria.

Uma primeira conceituação de pulsão aparece no texto:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (FREUD[1905](2006), p. 159)

Em 1905 já aparece a ideia de fonte endossomática no lugar de estímulo (externo). Permanece, como se vê, o traço biológico ao conceito, aspecto que nunca deixará de existir ao longo da literatura freudiana; muito autores incomodaram-se ao longo da história com tal

aspecto, acusando Freud de ter desenvolvido uma teoria “biologizante” ao passo que outros, como Ludwig Binswanger, interpretado por Monzani, assim entenderam:

É por isso que devemos a Freud a primeira “somatomorfologia” intrínseca da experiência vivida que repousa numa observação e construção naturalista. Em suma, o homem não é, para Freud, senão essa corporalidade, quer dizer, o produto passivo dessas potências que são as pulsões. Sendo estas um “conceito limite” entre o somático e o psíquico sem fronteiras definidas, este já é de início, “determinado corporalmente”. Ou seja, o aparelho psíquico em Freud é edificado sobre a “corporalidade”. Ele é um “órgão”. (MONZANI, 1989, p. 65, não há grifos no original).

Se não se trata exatamente de um elogio, ao menos mostra que Binswanger captou a essência da visão freudiana do homem e a correspondente construção científica. O próprio Freud diz em uma carta ao amigo suíço, com uma certa dose de humildade: “*Eu jamais habitei senão o nível do solo, e o porão do edifício*”.

A crença na inter-relação entre o que acontece no sistema nervoso e a percepção psíquica não abandona Freud, bem como a ideia de que existe uma base química pulsional a ser desvendada. Inicialmente, Freud tentou elaborar uma espécie de “teoria geral das pulsões”, que desse conta das finalidades biológicas que estariam subjacentes aos comportamentos individuais e coletivos (exemplo: pulsão sexual, pulsão de gregarismo etc.), mas logo abandonou a empreita.

Em uma carta datada de 22 de setembro de 1898 (2 anos após a conclusão do Projeto e 2 anos antes da publicação de A interpretação dos sonhos) Freud escreve a Fliess (MASSON, 1986):

Não tenho a menor inclinação de deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir nem teórica, nem terapêuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicólogo estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-los (o orgânico e o psicológico), é algo que nem sequer comecei a imaginar. (MASSON, 1986, p. 327).

Portanto, como se vê, já no Projeto Freud estava empenhado em aproximar os dois polos do funcionamento humano, que ele via em profusão – e em conflito - em seus pacientes, que eram os aspectos orgânicos (ulteriormente, somáticos) e psíquicos.

Para Paes de Barros ao escrever o Projeto Freud adota:

O *mesmo método* das demais ciências da natureza [e] começa a elaborar sua Metapsicologia, isto é, uma série de “construções hipotéticas” de natureza neuro-energética, evolucionista, destinadas a explicar os dados empíricos, psicológicos e psicopatológicos, obtidos com o auxílio de *novas técnicas investigativas* – as técnicas psicanalíticas. (há grifos no original). (BARROS, 1975, p. 43).

Na mesma linha de pensamento, Monzani complementa Paes de Barros:

O mecanicismo e o energetismo de Freud não constituem nenhuma excrecência positivista, mas o cerne, o núcleo da teoria freudiana do aparelho psíquico é que não há também, como quer Hyppolite, por exemplo, nenhuma incoerência entre uma leitura de decifração do sentido de um lado e o estabelecimento da teoria em moldes das *Naturwissenschaften* [Ciências Naturais] pela simples razão de que não se deve confundir os procedimentos *técnicos* de uma disciplina qualquer com o método que leva a sua fundamentação teórica.

...

Daí a razão da persistência da linguagem e do aspecto tópico-econômico na teoria: ela é uma necessidade decorrente das próprias posições de Freud. A consideração das forças, o ponto de vista energético, não é algo que deva ser destacado. Ao contrário, é o índice claro da persistência do mesmo ponto de vista, da mesma teoria, que se desenvolve coerentemente no decorrer da obra de Freud. (MONZANI, 1989, p. 77).

Mesmo tendo desejado a destruição dos cadernos que compunham o Projeto<sup>8</sup>, este não foi varrido da mente do próprio Freud. Assim que, em 1900 publica a *Interpretação dos Sonhos* e, no famoso capítulo VII, retoma – ou prossegue - suas teses de 1895. Por mais que o texto de 1900 seja decisivo na formulação da teoria freudiana, ele certamente não surgiu pronto de uma só vez da mente e do espírito de Freud; foi sendo construído aos poucos, em resposta aos dilemas e impasses que a prática clínica e a sua teorização lhe impunham.

Por obra do destino, “A interpretação dos sonhos” foi conhecida por todos muito tempo antes de o Projeto que, conforme antecipamos, foi guardado por Fliess por trinta anos (à revelia do amigo vienense) até o fim de sua vida (em 1928) e só foi publicado em 1950, resultado de grande esforço de Marie Bonaparte e de Anna Freud.

Assim, embora as linhas do Projeto sejam anteriores às da *Interpretação dos sonhos*, tendo sido conhecidas somente cinquenta anos após a publicação deste texto, foi necessária uma releitura de toda a obra freudiana com o fim de construir um lugar para posicioná-lo, conforme descreve Bezerra Junior:

Para os leitores dos anos 1950, o Projeto surgiu como um capítulo imprevisto da história do pensamento freudiano. Àquela altura, achava-se que toda a obra de Freud era conhecida. De repente, um escrito inédito punha em questão a genealogia estabelecida dos conceitos que haviam dado origem à psicanálise. Boa parte dos conceitos apresentados em *A interpretação dos sonhos*, tido até então como um documento inteiramente original, já estavam lá, no manuscrito recém-descoberto. Onde situar, nessa trajetória, esse escrito inesperado? (BEZERRA JUNIOR, 2013, p. 294).

Muito provavelmente em razão da publicação meio século atrasada, muitos se perguntam se houve uma ruptura ou continuidade entre o pensamento freudiano “do Projeto”

---

<sup>8</sup> Um terceiro caderno que versava sobre a teoria do recalque ficou inacabado, nunca foi enviado a Fliess e foi provavelmente destruído por Freud.

e o pensamento “pós-Interpretação dos Sonhos” e, ainda, se tratava-se de textos pertencentes a campos epistemológicos distintos. Aqui vale lembrar que, segundo Freud, em *A história do movimento psicanalítico* (1914), *A Interpretação dos sonhos*, por exemplo, foi concluída, no essencial, no início de 1896”, ou seja, apenas um ano após *O projeto*.

Por isto que, mesmo sendo o presente trabalho acerca do conceito de pulsão e a repercussão teórica sob as óticas de Freud e de Fairbairn, entendemos importante examinar os efeitos, se os há, do Projeto sobre os demais textos freudianos sobre a pulsão.

Karl Pribam, por exemplo, citado por Bezerra Junior, descreve o Projeto como:

[...] *a pedra de Roseta do vocabulário da psicanálise* e insiste na importância de várias concepções biológicas nele contidas, como a adoção da “teoria neuronal”, a noção de “barreira de contato” - que prenunciou a descoberta das sinapses entre os neurônios (descrita por Sherrington algum tempo depois) - a formulação de mecanismos neurais de regulação emocional na base do cérebro, o conceito de *Bahnung* (o processo de facilitação entre neurônios), o estabelecimento da relação entre geração de desprazer e secreção na corrente sanguínea de uma substância como a adrenalina (que só foi isolada em 1899), e assim por diante. (KARL PRIBAM apud BEZERRA JUNIOR, 2013, p. 745).

Na opinião de Bezerra Junior:

Em meio a neurônios, fluxos de energia, barreiras de contato etc. estavam presentes conceitos e noções que viriam a aparecer nos escritos psicanalíticos posteriores, como: a diferença fundamental entre processos primário e secundário, os princípios de prazer e de constância, o teste de realidade, os mecanismos da regressão, o conceito de ocupação, ou investimento etc. (BEZERRA JUNIOR, 2013, p. 568).

Sob o aspecto epistemológico, no entanto, é possível admitir, mesmo considerando que foram escritos em datas bastante próximas, que há um corte entre o “Projeto” e “A interpretação dos sonhos” e textos ulteriores, embora haja opiniões em contrário, como a de Paes de Barros (1975) que reproduzimos abaixo:

O cap. VII da *Interpretação dos Sonhos* também é, claramente, uma Neuropsicologia: não ocorreu nenhuma mudança relevante, teórica ou metateórica, entre o Projeto e a *Interpretação dos Sonhos*, não obstante a opinião em contrário de quase toda a literatura psicanalítica, representada por exemplo, por Strachey, Green, Jones etc. A suposta “*coupure*”, que teria ocorrido com a publicação do *Traumdeutung* é apenas o fruto de trabalhos epistemológicos diletantes, que não conseguiram distinguir as *descrições pré-teóricas* e as *regras técnicas* da Psicanálise (arroladas como o conteúdo da “teoria psicanalítica humanista”, porterior à “*coupure*”) – dos *modelos explicativos*, sempre neuropsicológicos (arrolados como o conteúdo da “teoria psicanalítica positivista”, anterior à “*coupure*” de 1900). (BARROS, 1975, p. 63-64).

Após “um longo e penoso tatear” (MONZANI, 1989, p. 60) teoria e prática psicanalíticas articulam-se harmoniosamente possibilitando a emergência de características

de um discurso inédito no qual surgia uma teoria do sentido<sup>9</sup> em detrimento de uma teoria apoiada no mecanicismo, na qual não há espaço para interpretação ou hermenêutica.

Mas, não é possível negar que a ideia de uma força que impele a partir do corpo estava já no *Concepção das afasias* e no *Projeto* e persistiu em todos os demais textos metapsicológicos freudianos, de forma sempre mais e mais congruente, substituindo-se a linguagem da neurofisiologia por uma linguagem própria de representações, configurando o que se passará a chamar “aparelho psíquico”.

#### **2.4 História. A teoria pulsional sexual. *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.**

Impelido pela necessidade de compreender as forças que aparecem em conflitos mentais que percebia em sua experiência clínica com pacientes, Freud inicia, de forma ainda incipiente, a teorização das pulsões em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* atribuindo-lhes o estatuto de força de natureza endógena, somática, contínua e que precisa ser representada e removida.

*Os Três ensaios* é um texto fundamental para a compreensão do ensinamento freudiano, foi modificado mais três vezes depois de sua primeira publicação em três edições posteriores (1909, 1915 e 1920) e em notas acrescentadas até o ano de 1924, concomitantemente à produção e publicação de outros trabalhos, alguns correlatos aos temas nele abordados (como em 1915, *O instinto e suas vicissitudes*) tornando-se um texto que requer leitura mais atenta do que a usual de outros textos freudianos, requerendo como que a realização de um exercício mental de montagem de um quebra-cabeças para compreender-se o resultado final.

Antes, porém, deste texto canônico, Freud, como lhe era peculiar, publicou outros vários que vão como que preparando o terreno para o surgimento de *Os três ensaios*. Ainda no *Projeto*, escrito dez anos antes: Freud [1895](1950) se perguntou sobre a origem da compulsão histérica e associa sexualidade e trauma provocado pela intensidade das ideias e dos afetos:

[1] A compulsão histérica:

Começarei pelo estudo dos fenômenos que ocorrem na histeria, sem que lhe sejam forçosamente peculiares. O que inicialmente chama a atenção de qualquer observador da histeria é o fato de que os pacientes histéricos estão sujeitos a uma compulsão exercida por ideias *excessivamente intensas*. (FREUD [1895](1950) p. 401).

---

<sup>9</sup> A interessante expressão “teoria do sentido”

E, pouco adiante:

[2] A gênese da compulsão histérica

Surgem agora várias perguntas importantes. Em que condições ocorre semelhante formação simbólica patológica [e] (por outro lado) semelhante recalçamento? Qual a força ativa que intervém? Em que estado se encontram os neurônios na ideia excessivamente intensa e os da ideia recalçada? (FREUD, [1895](1950), p. 404).

O que intriga Freud é como e por que as ideias sexuais são as que provocam tantos traumas a ponto de desafiar o uso do recalçamento. E sobre isso ele se pergunta também no Projeto:

É impossível supor que os afetos sexuais penosos superem tanto em intensidade a todos os demais afetos desprazerosos. Deve haver alguma outra característica das ideias sexuais capaz de explicar como é que só elas ficam sujeitas ao recalçamento. (FREUD, [1895](1950), p. 406).

Mas, tão intrigante, em nossa opinião, quanto conhecer e compreender o percurso feito por Freud para demonstrar a ligação etiológica entre a neurose histérica e a sexualidade extraviada, é pensarmos por que Freud escolhe a sexualidade e suas vicissitudes como ponto de partida para a neurose.

Aqui nos valem do extraordinário trabalho bio-bibliográfico empreendido por Frank J. Sulloway em seu *Freud, Biologist of the mind – Beyond the Psychoanalytic Legend* (1980). Para o autor americano Freud enfrentou três grandes problemas epistemológicos ao elaborar sua teoria das neuroses, quais sejam: (i) a neurose propriamente dita, (ii) a sexualidade e (iii) o recalque. Quanto à sexualidade, Sulloway se questiona:

The psychoneuroses (hysteria, obsessional neurosis, hallucinatory psychosis, and paranoia) harbored, however, a major conceptual stumbling block not encountered in the actual neuroses. Why was it that *only* sexual matters, and no others, were able to provoke pathological repression and repression?

...

After all, Freud knew full well that the greatest psychical unpleasure could be roused by emotions like “remorse over bad actions”, but such alternative, nonsexual etiologies were simply never encountered, he adamantly insisted, in hysteria and other psychoneuroses. (SULLOWAY, 1980, p. 111).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Em tradução livre: *As psiconeuroses (histeria, neurose obsessiva, psicose alucinatória e paranoia) apresentavam, no entanto, um grande obstáculo conceitual não encontrado nas neuroses atuais. Por que então só questões sexuais, e nenhuma outra, foram capazes de provocar repressão patológica e repressão?*

...

*Afinal, Freud sabia muito bem que o maior desconforto psíquico poderia ser despertado por emoções como "remorso por más ações", mas tais etiologias alternativas e não sexuais simplesmente nunca foram encontradas, ele insistiu inflexivelmente, na histeria e em outras psiconeuroses.*

Talvez a resposta para Sulloway esteja parcialmente nesta passagem em *As pulsões e seus destinos*:

A biologia ensina que a sexualidade não se equipara a outras funções do indivíduo, já que suas tendências estão acima do individual e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, logo, a preservação da espécie.

Ela nos mostra, ademais, que há duas concepções coexistindo justificadamente a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade: uma, segundo a qual o indivíduo é o elemento principal sendo a sexualidade valorizada como uma de suas atividades e a satisfação sexual como uma de suas necessidades, e outra para a qual o indivíduo é um apêndice temporário e evanescente de um plasma germinativo quase imortal, que lhe foi confiado pela transmissão geracional. (FREUD, [1915] (2011), p. 36).

Não podemos olvidar que a teoria da sexualidade infantil como explicação teórica para o surgimento das neuroses sucede a teoria da sedução, segundo a qual a sedução real infligida por um adulto a uma criança seria a causadora de sintomas neuróticos. Freud, na célebre carta n. 69 enviada a Fliess em setembro de 1897, enumera as razões pelas quais afirma: “Já não creio na minha neurótica (teoria das neuroses)”.<sup>11</sup>

Os *Três ensaios...* são compostos por, como diz o nome, três ensaios, sendo que o primeiro amplia a noção de sexualidade até então concebida como “normal”, balizada por características heteronormativas e direcionada à reprodução. O segundo é uma ampliação do conceito de sexualidade e a descrição de como esta apoia-se nas atividades de autoconservação para delas depois se desligar e seguir um rumo “autônomo”. O terceiro capítulo, dedicado à puberdade, estranhamente coloca o leitor novamente diante da sexualidade orientada para a reprodução.

Embora não seja o foco de nossa pesquisa, é importante ressaltar que, no primeiro ensaio, Freud enfatiza que a sexualidade é aberrante quando comparada à função reprodutiva, ou seja, marca extravios da sexualidade (inversão, perversão) para mostrar que a sexualidade da qual vai falar mais adiante é algo muito mais amplo do que a forma como a sexualidade era socialmente entendida em sua época.

Entendemos que dos três ensaios, o segundo é o mais rico no fornecimento de conceitos e fundamentos para a teoria pulsional e seu desenvolvimento ao longo da história do pensamento freudiano, especialmente no que concerne à ideia de que a sexualidade surge, como um “efeito marginal”<sup>12</sup> das atividades corporais:

---

<sup>11</sup> Aqui não deduziremos razões pró e contra a afirmação de que a teoria da sedução não foi totalmente abandonada por Freud.

<sup>12</sup> Expressão freudiana.

Nosso estudo do ato de sugar o dedo ou sugar sensual já nos deu as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Em sua origem ela se liga a uma das funções somático-vitais; ainda não se tem objeto sexual e é, assim, auto-erótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena. (FREUD, [1905](2006), p. 187)

Quanto a esta característica apontada por Freud, do aparecimento da sexualidade a partir das funções corporais, MONZANI (1989, P. 30) complementa:

Efeito marginal e desvio da função biológica, a sexualidade irrompe na criança secundada por algo e cristaliza-se em zona erógena (a boca, o ânus) privilegiada, mas que na verdade, pode ser qualquer parte do corpo. Qualquer região pode secretar a sexualidade. E, no limite, não só o corpo como qualquer atividade humana pode ser a fonte ou dar lugar à irrupção do sexual.

Em 1915 foi acrescentado aos *Três ensaios...* o item (3) do capítulo III que Freud chamou de “*A teoria da libido*”<sup>13</sup>, conceituando esta última como: “*uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual*”.<sup>14</sup>

Por fim, gostaríamos de mencionar o item (5) do mesmo capítulo III que recebeu o título “*O encontro do objeto*” e já constava da edição de 1905. Neste capítulo Freud refere que a maturidade do corpo masculino ocorrida na puberdade e a possibilidade de ereção autorizam ao rapaz mover-se na direção de um “*novo alvo sexual: a penetração numa cavidade do corpo que excite sua zona genital*”. Além desta busca, digamos, quase automática do objeto, Freud cita que, no “*lado psíquico*” consuma-se “*o encontro do objeto para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância*” e conclui, fazendo uma de suas afirmações mais conhecidas: “*O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro*” (FREUD [1905](2006), p. 209-210).

A noção de efeito marginal e ao “ato de chuchar” remetem ao conceito de “apoio”, segundo o qual a sexualidade infantil vai se apoiar primeiramente nas necessidades de autoconservação, de cuja experiência a pulsão sexual retirará, por assim dizer, seu aprendizado e o repetirá (ou seria mais apropriado dizer, tentará reproduzir, ainda que alucinadamente) independentemente das funções biológicas.

Nas palavras de Garcia-Roza:

A relação de pulsão (*Trieb*) com o instinto (Instinkt) é descrita por Freud através do termo *Anlehnung* (apoio). A pulsão se apoia no instinto não para se confundir

<sup>13</sup> A expressão “teoria da libido” vai aparecer na obra freudiana no artigo sobre o Narcisismo em 1914 e é depois incorporada nos *Três ensaios*.

<sup>14</sup> Em outro momento Freud amplificará o conceito de libido, que passará a ser compreendida como uma força mais abrangente que meramente sexual, mas por ora, em 1915, restringe-a aos “processos sexuais”.

com ele, mas para se desviar dele. A pulsão é fundamentalmente uma perversão do instinto. (GARCIA-ROZA, 2017, posição 144, grifos nossos).

São estas, a nosso ver, as passagens mais importantes de os *Três ensaios...*, capítulos I e II, que fornecem elementos fundamentais para nosso trabalho, dentre os quais o enraizamento da sexualidade no corpo e também a transformação de uma experiência de prazer de órgão em um prazer obtido de forma alucinatória, que é já uma dimensão psíquica do prazer.

## 2.5. Teoria pulsional e suas modificações.

Ao longo de quinze anos (de 1905 a 1920) Freud promove duas importantes mudanças na teoria das pulsões que vinha elaborando até então. São mantidas, no entanto, a ideia de dualidade e de conflito.

Quanto à dualidade pulsional, embora preservada por Freud ao longo de toda a teorização, sofreu um “esfumaçamento”, nas palavras de Monzani (1989, p. 16) quando da publicação de *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Nesta ocasião o pai da psicanálise, influenciado por Jung e em decorrência de sua aproximação clínica de patologias psicóticas (Schreber) nas quais o interesse egóico não se direciona (ou mantém-se) para fora, precisa, a nosso ver, “defender” a ideia de dualidade pulsional, fazendo-o de forma até apaixonada. Exemplo desta passagem é encontrado em *Sobre o narcisismo...* (FREUD [1914](2013) posição 185), onde acusa Jung de mentir a respeito de uma afirmação que o autor suíço lhe atribui:

A afirmação de Jung é no mínimo precipitada. Seus fundamentos são poucos. Primeiro, ele invoca o meu próprio testemunho, segundo o qual, devido às dificuldades da análise de Schreber, fui obrigado a estender o conceito de libido, isto é, a abandonar o seu conteúdo sexual, identificando libido com interesse psíquico propriamente. O que se poderia dizer para corrigir tal equívoco de interpretação já foi dito por Ferenczi, numa sólida crítica do trabalho de Jung. Resta-me apenas corroborar sua crítica e repetir que não expressei tal renúncia à teoria da libido.

Monzani vê nesta passagem, como já mencionado acima, um “esfumaçamento” da dualidade pulsional, não a ponto, claro, de fazê-la desaparecer, mas de obrigar Freud a introduzir um novo dualismo, que abordaremos no item 2.5.2 adiante.

### 2.5.1 Pulsões do ego

Freud fazia distinção não apenas entre as pulsões sexuais e de autoconservação, conforme vimos há pouco, como também percebia as pulsões como duais e em constante conflito. Entre 1905 e 1920, salvo por um breve intervalo, sustenta em sua teorização a dualidade pulsional, resultante do conflito entre sexualidade e autoconservação (interesses do indivíduo versus interesses da espécie humana).

Porém, num texto de 1910 - *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* – em que usa uma metáfora para explicar a cegueira histórica, valendo-se do conflito entre poder ver algo de sexual e proibir-se de ver, Freud trará textualmente uma nova nomenclatura para as pulsões de autoconservação, passando a chamá-las “*pulsões do ego*”. Citamos adiante uma das passagens em que o novo nome aparece nos textos de Freud:

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de ideias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego. (FREUD [1910](2006), p. 223, não há grifos no original).

Tal mudança nos causa inquietação e nos faz questionar qual teria sido o motivo que levou Freud a alterar o nome das pulsões de “autoconservação” para “do ego”, pois que se trata de mudar o nome de uma função da pulsão (autoconservação) para o que viria a ser futuramente uma das estruturas basilares do psiquismo: o ego.

Birman (2009) faz interessantes apontamentos sobre o por ele chamado “deslocamento conceitual bastante sutil” promovido por Freud no texto de 1910, afirmando primeiramente que a partir do advento da expressão “pulsões do ego” as pulsões de autoconservação estariam “condensadas” naquelas e que tais pulsões do eu passavam a ser “*também sexuais*”, tanto quanto as pulsões sexuais propriamente ditas. Assim pensa o autor capixaba por entender que as pulsões de autoconservação nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* não seriam investidas pela libido, mas pela “*energia do interesse, isto é, seriam destituídas de qualquer erogeneidade*”. Ao adotar a noção de pulsões do ego, num trabalho que trata de cegueira histórica, ainda de acordo com Birman, Freud estaria, pois, estendendo a sexualidade para ambos os polos pulsionais.

Referida afirmação de Birman (2009), quanto à presença da marca da sexualidade nas pulsões tanto sexuais como as do ego são, a nosso ver, captadas na seguinte passagem de Freud no texto de 1910:

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do ego têm, em geral, os mesmos órgãos à sua disposição. O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. A boca tanto serve para beijar como para comer e falar; os olhos percebem não só as alterações do mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos (...). Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla dessa espécie, entra com uma das principais pulsões, mas ela se retrai do outro. (FREUD, [1910](2006), p. 225):

Não fica claro, no entanto, na análise de Birman (2009), o porquê da mudança da nomenclatura e do aparecimento mesmo desta nova categoria teórica.

Aqui está começando a se insinuar no pensamento de Freud a noção de narcisismo e de um ego que quer ser investido e amado pelo outro, o que o coloca em uma posição diferente daquela da autoconservação, implicando em uma dimensão psíquica mais nítida do que a presente até então. É também um elo importante que fará a ligação entre a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto: afinal o eu é o primeiro objeto de investimento da libido e é a partir deste objeto que os outros serão encontrados.

Malcolm MacMillan em *Freud evaluated – The complete arc* vai dizer que o surgimento da expressão “pulsões do ego” dá-se cinco anos depois da primeira edição de os *Três ensaios...* porque até então esta força não existia no esquema teórico freudiano. Vejamos essa ideia nas palavras do autor australiano:

Por que Freud não desenvolveu durante tanto tempo os conceitos de ego-força? A primeira tentativa de explicação é que tais noções não eram de todo necessárias para a hipótese orgânica da repressão automática, que estava na vanguarda de seu pensamento até por volta de 1905. (MACMILLAN, 1991, p. 330)

Nos parece razoável também supor que, embora aparentemente sinônimas entre si, as pulsões de autoconservação e as pulsões do ego diferem sobremaneira, pois na primeira, as providências por elas garantidas quase podem ser compreendidas como instintuais porque corresponderiam a necessidades do indivíduo no âmbito da sobrevivência, à medida que, nas pulsões do ego, é indispensável a mediação por uma instância psíquica.

Neste sentido, Laplanche e Pontalis:

A oposição freudiana entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação pode levar a nos interrogarmos sobre a legitimidade do uso do mesmo termo *Trieb* para designar a ambas. Note-se em primeiro lugar que, quando Freud trata da pulsão em geral, refere-se mais ou menos explicitamente à pulsão sexual,

atribuindo à pulsão, por exemplo, características como a variabilidade da meta e a contingência do objeto. Nas “pulsões” de autoconservação, pelo contrário, os caminhos de acesso estão pré-formados e o objeto satisfatório está determinado de imediato; para retomar uma fórmula de Max Scheler, a fome do lactente implica “uma intuição do valor do alimento”.

...

As reformulações sucessivas introduzidas por Freud na teoria das pulsões vão obrigá-lo a situar de maneira diferente as funções de autoconservação. Note-se, em primeiro lugar, que nessas tentativas de reclassificação, os conceitos de pulsão do ego e de pulsões de autoconservação, que precedentemente coincidiam, sofrem metamorfoses que já não são exatamente as mesmas. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 406).

Veremos, no próximo item, que as pulsões do ego, de 1910 a 1920, vão pouco a pouco perdendo espaço na teoria pulsional, culminando com o advento das pulsões de vida e de morte, conforme será demonstrado adiante.

### 2.5.2 Pulsões de vida e de morte, Teoria estrutural da mente. A virada teórica dos anos 1920

A década de 1920 é bastante profícua para Freud no que diz respeito às teorias de estruturação da mente e pulsional: em 1920 em *Além do princípio do prazer*, mais uma vez Freud modifica sua percepção das forças pulsionais e promove transformações em sua teoria, desta feita de forma mais radical que a anterior: tanto a pulsão sexual como a pulsão do ego seriam albergadas num novo “conceito” – “pulsão de vida”, em contraposição a um outro, de difícil assimilação pela comunidade psicanalítica à época (e também a atual): a pulsão de morte.

Quanto à nova pulsão – a de morte - desabafa Monzani:

No caso que enfrentaremos agora, a situação é mais complicada. Será que é preciso lembrar que a noção de pulsão de morte é uma das mais confusas e das mais difíceis de serem apreendidas no interior da teoria freudiana? (MONZANI, 1989, p. 144).

O próprio autor da mudança (Freud) afirma em relação à pulsão de morte – de forma parecida como fizera quanto ao conceito de pulsão em *A pulsão e seus destinos*:

O que se segue é especulação, às vezes especulação extremada, que cada um pode apreciar ou dispensar, conforme a atitude que lhe for própria. É, além do mais, uma tentativa de explorar conseqüentemente uma ideia, por curiosidade de ver aonde levará. (FREUD, [1920](2010), p. 163).

Também na esteira da surpresa, mas colocando um elemento a mais, Reuben Fine assim analisa o surgimento da pulsão de morte em 1920:

A segunda mudança em Freud foi enormemente mais perturbadora do que a primeira [a teoria da libido]. A teoria da pulsão de morte é tão absurda que, se não tivesse provindo de Freud teria sido imediatamente lançada ao limbo. Em vez disso, os analistas ficaram devidamente perplexos com o que Freud poderia ter querido dizer (e ainda ficam perplexos), relutantes em admitir o óbvio – Freud estava confuso. Jones admite isto e apresenta uma série de razões psicológicas que poderiam ter conduzido à teoria. O que resultou, num sentido positivo, foi o deslocamento para o estudo do impulso agressivo, que tinha sido relativamente negligenciado no período anterior. Contudo, devido a este pano de fundo a teoria da agressão nunca foi adequadamente esclarecida. (FINE, 1981, p. 160).

Freud, no texto de 1920, vai pensar em pulsão de morte a partir, inicialmente, de fenômenos que ele via às largas em sua experiência clínica, que são a compulsão à repetição e a reação transferencial negativa, mas outros também contribuem para pensá-la, tais como a agressividade, o masoquismo e, no final da década de 1920, da vontade de destruição em *Mal estar na civilização*.

A pulsão de morte faz pensar em um *deixar-se levar*, uma força conservadora, resistente a mudanças (em outros autores, como Melanie Klein, ganhará contornos ativos, tendo em vista sua associação com a destrutividade no construto teórico desta autora). Pode-se afirmar que a pulsão de morte, ao menos em Freud, seria uma “força silenciosa”, tal como salientado por Figueiredo:

No mesmo trabalho [O ego eo id], Freud afirma: “são as pulsões sexuais que, como necessidades pulsionais, detêm a queda de nível [gerada pelas pulsões de morte]<sup>15</sup> e introduzem novas tensões. Ou seja, a reunião erótica, como veremos devidamente mais tarde, ao mesmo tempo que “liga” – no sentido de “reúne” - gera energia desligada e solicita um trabalho suplementar de ligação (Bindung). Da mesma forma, inversamente, a desagregação tanática dos seres pluricelulares, estaria a serviço, como diz claramente Freud no texto sobre o masoquismo, da estabilidade inorgânica, o que é incompatível com a ideia de incremento de energia desligada, pois implica, ao contrário, o aumento da energia tônica ou quiscente<sup>16</sup>. Em outras palavras: “as pulsões de morte são no essencial mudas e todo o *alvorço da vida* parte de Eros” (O ego e o Id, grifos no original). (FIGUEIREDO, 1999, p. 40).

Um outro aspecto que atrai a atenção para a proposição de 1920 e que é subproduto da compulsão à repetição é a confirmação de que nem todos os atos humanos – talvez mesmo a menor parte deles - redundarão na procura do prazer. Freud assim o reconhece:

É claro que a maior parte do que a compulsão de repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividade de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer. (FREUD, [1920] (2010), p. 132)

<sup>15</sup> Referência feita por Figueiredo.

<sup>16</sup> Silenciosa.

Pode-se aventar, para a expressão “é um desprazer que já consideramos” que, mais importante que a obtenção de prazer (ou de evitação do desprazer) é a ligação, custe o que custar, mesmo que *aparente ou efetivamente* desprazerosa: na infância, as crianças pedem aos adultos que lhes contem infinitas vezes a mesma história antes de dormir, sem alterar seus dados, mesmo que assustadores. A hipótese de Freud, segundo Garcia-Roza (2017, posição 312) é de que a criança teria um ímpeto de dominar uma “impressão poderosa” de forma ativa, o que não contradiz o princípio de prazer. Penso que mais do que a história ser desprazerosa ou prazerosa, conta muito a aproximação entre a criança e o adulto que lhe conta a história e as emoções ali compartilhadas.

Sobre a mudança significativa no percurso teórico freudiano relativamente a não-obtenção de prazer, Gurfinkel assim se pronunciou:

Não se deve esquecer que o próprio Freud reconsiderou a universalidade do princípio do prazer em Além do princípio do prazer. No entanto, a profunda reordenação [da] metapsicologia que aí se iniciou não conduzia a um pensamento das relações de objeto, já que reafirmou a centralidade das pulsões como base explicativa da vida psíquica – ainda que tenha alterado significativamente o conceito de pulsão e a natureza da dualidade que constitui seu campo. (GURFINKEL, 2017, p. 303).

Outra mudança importante promovida por Freud e ocorrida na virada dos anos 20 foi a reformulação da teoria estrutural da mente em 1923 através do texto O ego e o Id, no qual propõe a revisão de sua hipótese teórica para a estruturação da mente da primeira tópica para a proposição de uma estrutura tripartite da mente: Id, Ego e Superego. Até então Freud assim representava o psiquismo como sendo topográfico e “constituído” por Inconsciente, Pré-consciente e Consciente.

O advento do que ele vai chamar de estrutura e no qual contempla especialmente o Ego pode ser inicialmente vislumbrado no artigo sobre o Narcisismo (1914) e completado no texto de 1923. A partir deste artigo, passa-se a considerar uma transmutação de psicologia do Id para psicologia do Ego.

Duas afirmações marcantes feitas por Freud no que estamos aqui chamando de Virada dos anos 1920 são negadas por Fairbairn nos artigos que comentaremos no próximo capítulo, a saber: a pulsão (inata) de morte e sua variante agressividade (também) inata e a consideração do Id como estrutura autônoma. A oposição veemente a estas características vão produzir, natural e conseqüentemente, outras discordâncias e a proposição de uma nova estrutura mental, a partir do estabelecimento de um paradigma, por Fairbairn, distinto daquele freudiano: o paradigma da ligação, de que o humano sempre procurará existir a

partir das relações e que o estabelecimento de ligações (e seus extravios e dissabores) é que constituirão um psiquismo.

Este percurso teórico que veremos a seguir.

## CAPÍTULO III – RONALD FAIRBAIRN

Antes de iniciarmos o capítulo sobre a teorização proposta por Ronald Fairbairn para a libido e uma nova estrutura psíquica, faremos uma breve passagem pela biografia do autor escocês.

### 3.1 W.R.D. Fairbairn: uma breve biografia

William Ronald Dodds Fairbairn nasceu em Edimburgo, Escócia, em 11 de agosto de 1889, filho único do escocês Thomas, cobrador de impostos, e da inglesa Cecilia Leefe, dona de casa. Seus pais viviam confortavelmente em Edimburgo e foram extremamente dedicados aos cuidados e à educação de seu único filho, mas intransigentes relativamente aos valores morais e religiosos. Seu pai professava a religião presbiteriana, rigorosa nos costumes, e sua mãe, de origem religiosa anglicana, embora não tão exigente quanto seu pai nas questões religiosas, vigiava os passos do filho. A austeridade de fundo religioso de seu pai provocou ressentimento no filho, que foi impedido, por exemplo, de frequentar um curso na Oxford University em razão do temor de seu pai de que Fairbairn fosse seduzido pela religião anglicana (maiormente praticada na Inglaterra).

A mãe de Fairbairn, mesmo que frequentemente enferma, foi bastante atenta em sua educação, especialmente no que diz respeito à curiosidade no campo da sexualidade. Por outro lado, Cecilia era quem apoiava as empreitadas intelectuais do filho.

Fairbairn fez um percurso eclético na vida acadêmica e intelectual: estudou em escola particular quando criança e adolescente; após um breve período em que considerou estudar Direito, decidiu-se por frequentar a faculdade de Filosofia, que à época também provia noções de Psicologia. Mesmo após formar-se em Filosofia, perseverava no desejo nutrido desde a infância de tornar-se clérigo. Antes, porém, de cursar Estudos Religiosos, frequentou cursos de Estudos Gregos nas universidades de Kiel, Strasbourg e Manchester, o que, podemos pensar, revelava uma dúvida em seu espírito quanto a que rumo tomar. Após concluir referidos estudos, impulsionado por uma certa dose de teimosia, Fairbairn matriculou-se e frequentou Estudos Religiosos na London University (*intermediate degree in divinity*). Retorna a Edimburgo em 1914 para, agora, frequentar a formação regular de Teologia ofertada pela Igreja Presbiteriana, mas a deflagração da Primeira Grande Guerra mudaria radicalmente seus planos.

Durante a guerra, na qual serviu durante 3 anos e meio, Fairbairn tomou contato, como não poderia deixar de ser, com um aspecto mais cru da condição humana, especialmente se comparado ao humanismo que ele conhecia pelos estudos de Filosofia, cultura grega e dos estudos religiosos. Durante um período de convalescença de uma cirurgia para a remoção de uma varicocele, Fairbairn, acompanhado de um oficial do exército chamado Capitão Rivers, também conhecido por seu nome civil por Dr. William Halse Rivers Rivers, um antropólogo e psiquiatra inglês amplamente reconhecido à época por seu trabalho com soldados afetados por *shell shock* (transtorno pós-traumático)<sup>17</sup>, visitou combatentes traumatizados da guerra no Hospital *Craiglockhart* em Edimburgo. A visita deu-se no ano de 1916 e desde então Fairbairn fica tocado pela extensão dos danos psíquicos provocados pelos horrores da guerra aos soldados e, tendo sido dispensado do serviço militar em outubro de 1918, apenas 3 meses após já estava cursando Medicina na Universidade de Edimburgo, trocando o que acreditava ser uma vocação religiosa pelo atendimento psicoterápico. Todavia, mesmo não seguindo os passos imaginados desde garoto, de alguma forma um aspecto da vocação religiosa permaneceu em Fairbairn e que foi observado por Sutherland:

Acredito que Fairbairn não era menos objetivo que outros analistas. Um fator, no entanto, precisa ser mencionado, a saber, sua ênfase no fim terapêutico da psicanálise. Sua primeira solução: encontrar ajuda para solucionar seus conflitos oriundos da religião foi relacionada ao desejo concomitante de usar o que ele próprio recebeu para aliviar a tensão em outras pessoas e sua futura decisão de se tornar religioso. Em sua vida profissional como analista, ele freqüentemente comentava o que pensava ser uma diminuição progressiva do objetivo principal da psicanálise, a saber, o alívio do sofrimento. (SUTHERLAND, 1989, p. 12).

A partir do segundo ano do curso de Medicina, Fairbairn começa a ler obras de Freud e de Jung, ao mesmo tempo em que inicia uma análise pessoal com E.H. Connell, um australiano, outrora homem de negócios, que havia migrado para a Escócia poucos anos antes e sido analisado por Ernest Jones.

Depois de sua formação em Medicina e Psiquiatria, Fairbairn passa a atender crianças e adolescentes abusados sexualmente em clínicas e hospitais de Edimburgo, quando também inicia sua prática psicoterápica privada, além de exercer a medicina em um hospital no atendimento de pacientes em estágios terminais. Conforme Fairbairn atendia em períodos cada vez maiores em seu consultório como psicoterapeuta, precisou afastar-se da prática

---

<sup>17</sup> Em 1920 Rivers Rivers publicou um trabalho intitulado *Instinct and the Unconscious* no qual aborda o recalque como forma de defesa para situações traumáticas.

médica, período em que cogitou mudar-se para Londres para trabalhar e estudar na Clínica Tavistock, desistindo, porém, da empreitada, uma vez que não obteve financiamento para os estudos e sua manutenção na capital inglesa.

Fairbairn casa-se aos 37 anos de idade com Mary More Gordon com quem teve 3 filhos, mas fica viúva aos 51 anos, casando-se novamente logo depois.

Nosso autor conviveu com seus colegas e contemporâneos que frequentavam a Sociedade Britânica de Psicanálise em Londres, Inglaterra. Tentou por 2 oportunidades mudar-se para Londres, porém em ambas não teve sucesso: na primeira, em 1926, como já mencionado, não conseguiu obter fundos financeiros que o mantivessem na cidade empreendendo seus estudos na Clínica Tavistock e, na segunda, não foi aprovado para o cargo de Diretor do Child Guidance Training Centre, no final da década de 1920. Ambos os insucessos foram absorvidos aparentemente sem traumas por Fairbairn.

Curiosamente é descrito por alguns autores como um solitário, sendo tal característica atribuída à distância entre Edimburgo e Londres (aproximadamente 660 quilômetros) e ao desenvolvimento, à semelhança de seu pai, de um sintoma que consistia em não conseguir urinar em lugares estranhos e em que houvesse pessoas por perto. No entanto, Sutherland, que escreveu uma excelente e importante bibliobiografia sobre Fairbairn faz o seguinte comentário de Sutherland:

Nos anos seguintes, ele ocasionalmente expressaria arrependimento por não estar em Londres, uma vez que queria ter colegas com quem pudesse discutir questões que surgissem. Ele não era um solitário por natureza, seja profissional, seja socialmente falando. (SUTHERLAND, 1989, p. 17).

Não é difícil imaginar o quão penoso era para ele deslocar-se por longas distâncias sem poder ir ao banheiro, porém nosso autor teve em Edimburgo uma vida social bastante movimentada, o que foi primeiramente estimulado pelos seus pais, que se relacionavam socialmente no âmbito da igreja e mantido por Fairbairn ao longo da vida, que foi frutífera em amizades, parte das quais permaneceram até sua morte, em 31 de dezembro de 1964.

### **3.2 Das limitações inerentes à teoria da libido freudiana**

O presente trabalho foi, conforme já mencionado, inspirado pela crítica de Fairbairn à teoria libidinal desenvolvida por Sigmund Freud ao longo dos anos, crítica esta que atingiu o núcleo da teoria freudiana não apenas sobre o tema relativo à libido, mas sobre a estrutura

psíquica considerada em sua totalidade em termos de id, ego e superego, além de outros subjacentes aos ora mencionados.

Entendia o autor escocês que (i) a libido procura o objeto não primariamente para a obtenção de prazer através da redução da pressão que demanda ser descarregada, mas para fazer ligações e (ii) que não existe energia (pulsão) sem estrutura (ego)<sup>18</sup>. Além destas duas diferenças entre a teoria freudiana e a proposta por Fairbairn, seguiram-se outras, a saber: a discordância da ideia de dualidade pulsional e conflito<sup>19</sup>, da teoria tripartite estrutural da mente em termos de id, ego e superego, assim como a proposição de uma nova teoria do desenvolvimento a partir da ideia da qualidade da dependência e da maturidade e não da fixação da libido em fases.

Nosso autor inicia seus estudos psicológicos em 1909, conforme o próprio nos conta em *Passos no desenvolvimento de uma teoria de relações de objeto da personalidade* (1949) e entra em contato com a teoria freudiana “anos depois”. De acordo com Fairbairn a teoria desenvolvida por Sigmund Freud, em princípio, chamou-lhe a atenção porque abordava dois temas cujas ausências ele percebera no estudo da psicologia, a saber: a sexualidade e o inconsciente:

Na minha primeira introdução ao estudo acadêmico da psicologia, em 1909, fiquei imediatamente cheio de curiosidade pela perspectiva de adquirir alguns conhecimentos sobre os motivos do comportamento humano; mas não me levou muito tempo a observar algumas omissões notáveis na exposição da vida mental que me foi apresentada.

...

Anos mais tarde descobri em Freud um psicólogo que dificilmente poderia ser acusado de quaisquer omissões importantes.

Havia, contudo, uma característica importante nas teorias de Freud que sempre achei difícil aceitar, isto é, seu hedonismo psicológico. (FAIRBAIRN, [1949] (s/d), p. 195-196)

Por “hedonismo psicológico” Fairbairn se referia ao princípio de prazer e à ideia de que a libido procura prazer em oposição ao que vai chamar de princípio ético da “maior

<sup>18</sup> Jeffrey Seinfeld em *Containing rage, terror and despair* vai dizer que “Não é a libido que procura objetos, mas um ego libidinalmente propenso [para os objetos]”.

<sup>19</sup> Sobre a ideia do conflito e a dificuldade que Freud encontrava em mantê-la, comenta Renato Mezan (1999): “Paralelamente, Freud está elaborando sua nova concepção da oposição entre as pulsões. Na posteridade da psicanálise, vai diminuir muito a importância do tema “conflito entre pulsões”, e será introduzida uma outra modalidade de conflito intrapsíquico, o conflito entre *instâncias*. Como se Freud, depois de dez ou quinze anos tentando resolver das maneiras mais elaboradas o problema do conflito psíquico em termos essencialmente pulsionais, um belo dia virasse a mesa e dissesse: “chega! Este problema está mal colocado, vamos começar tudo de novo. O conflito que interessa não é apenas entre amor e ódio, pulsão destrutiva e pulsão construtiva, pulsão de vida e pulsão de morte; também interessa o conflito entre o ego, o superego e o id”. E com isso o livro chamado *O Ego e o Id* (1923) introduz uma mudança radical nos termos do problema.”

felicidade do maior número”, referindo-se, segundo ele, com esta ideia, ao filósofo britânico John Stuart Mill:

Isto aconteceu [a opinião sobre o hedonismo], pelo menos em parte, porque, durante um estudo filosófico, eu já estava conhecedor dos dilemas que se confrontavam com a teoria do hedonismo originalmente exposta por John Stuart Mill e observara o inconsistente, mas inevitável, processo de transição no pensamento deste escritor desde o princípio psicológico da procura de prazer até o princípio ético da “maior felicidade do maior número”. Foi em atenção, evidentemente, aos fatos inexoráveis da vida social que se efetuou essa transição. E a sua necessidade revela a dificuldade de fazer uma exposição satisfatória das relações de objeto em termos de princípio de procura de prazer. (FAIRBAIRN, [1949] (s/d), p. 196).

Como apontado no item anterior no qual discorremos sobre a biografia de Fairbairn, o autor escocês frequentou a faculdade de Filosofia em Edimburgo e o conhecimento ali obtido deixou marcas em seu pensamento, influenciando-o na forma como percebia a condição humana, seja de forma individual, seja social. Em *From instinct to self*, David. E. Scharff e Ellinor Fairbairn Birtles (1994) ressaltam a influência dos estudos de filosofia no pensamento psicanalítico de Fairbairn:

O conteúdo metafísico da primeira graduação de Fairbairn foi fortemente influenciado pelo interesse do Professor Andrew (Seth) Pringle-Pattison (1850-1931) nas filosofias de Kant e Hegel. Em particular, *A filosofia de Hegel* (1812) é um exame profundo do relacionamento entre objeto e sujeito, incluindo discussões de colorido afetivo e de significado e sobre processos de diferenciação pessoal. Há outros aspectos da teoria hegeliana que podem ser detectados em Fairbairn, como a origem do desejo numa dicotomia amor-ódio associado com um objeto e a subsequente introjeção de um objeto interno, que Fairbairn (1955) definiu mais tarde como “uma estrutura endopsíquica com a qual um ego-estrutura tem um relacionamento comparável com um relacionamento com uma pessoa numa realidade externa”. (SCHARFF; BIRTLES, 1994, p. xiii-xvii).

Historicamente, Fairbairn situou a teoria da mente freudiana, em especial no que diz respeito à separação entre estrutura e energia, na atmosfera científica do século XIX, segundo ele dominada pela concepção helmhotziana<sup>20</sup> e de acordo com a qual “o universo consistia numa conglomeração de partículas inertes, imutáveis e indivisíveis” (FAIRBAIRN [1946] (s/d), p. 193.).

Esta é pois, sucintamente, a ambientação filosófica e histórica das ideias de Fairbairn, bem como seu posicionamento relativamente às teorias freudianas sob a perspectiva epistemológica.

---

<sup>20</sup> Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz (1821-1894) foi um matemático, médico e físico alemão que viveu no século XIX e influenciou fortemente a produção científica de seu tempo. Se enquadrava filosoficamente no empirismo.

A partir de agora passaremos a descrever algumas das concepções elementares às teorias desenvolvidas por Fairbairn. Como já o fizeram Greenberg e Mitchell (1994) alertamos para uma característica dos escritos do autor escocês, que é uma certa circularidade na apresentação de suas ideias, opinião esta que compartilhamos. Araújo (2015) também manifesta-se quanto à extensão e a característica intrincada dos textos e conjunto de textos de Fairbairn:

Se fôssemos nos propor a fazer uma leitura mais exaustiva dos textos e destacar todos os seus pontos polêmicos, perderíamos-nos em um labirinto muito particular e perderíamos a oportunidade de dar o destaque para os *insights* realmente importantes que estão presentes ali. (ARAÚJO, 2015, p. 82).

Talvez por este aspecto realmente labiríntico em seus textos, Fairbairn cultivasse um hábito curioso e bastante útil para seus leitores, que era o de publicar um artigo contendo novas ideias e, algum tempo depois, outro texto revisitando o anterior ou os temas de artigos anteriores, ratificando-os e eventualmente sistematizando-os.

Isto aconteceu em *Relações de objeto e estrutura dinâmica*, em *Passos no desenvolvimento de uma teoria das relações de objeto da personalidade* e em *Uma sinopse do desenvolvimento dos pontos de vista do autor a respeito da estrutura da personalidade* publicados, respectivamente, em 1946, 1949 e em 1950, nos quais nosso autor faz um apanhado de seus escritos mais importantes da década de 1940, conferindo-lhes uma ordem cronológica e uma organização não encontradas nos textos originais.

Com efeito, é possível sentir o caminhar do autor nos textos dos anos 1940 e perceber que ele vai desenvolvendo suas ideias conforme avança em sua escrita. Greenberg e Mitchell (1994,) ponderam que esta forma de trabalhar produz vantagens e desvantagens:

Entre as primeiras [vantagens], estão a excitação e o interesse com os quais o estudioso do trabalho de Fairbairn pode recriar e reconsiderar a sequência de assuntos com os quais lutou. Por outro lado, o corpo de trabalho completo tem uma qualidade fragmentária; as relações entre seus vários conceitos são com frequência obscurecidas e delineadas pobremente. (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. 112)

Exporemos, assim, os principais conceitos fairbairnianos diretamente relacionados à revisão da teoria da libido, à crítica ao princípio de prazer e à dimensão intersubjetiva das relações dos indivíduos em uma ordem de apresentação que entendemos demonstrar a formação do pensamento do autor, sendo certo que eventualmente um conceito dependerá de outro que será exposto mais à frente para consubstanciar-se.

### 3.3 Procura de Objetos. Princípio de Prazer *versus* Princípio de Realidade. Libido e procura de objetos

A principal crítica à teoria freudiana da libido é substancialmente exposta por Fairbairn num texto de 1941 intitulado *Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses*, originalmente publicado no *The International Journal of Psychoanalysis* e pormenorizada num texto de 1946: *Relações de objeto e estrutura dinâmica* e é representada na já conhecida frase: “A libido procura o objeto”.

No texto de 1946 Fairbairn conta que o material clínico em que baseou sua afirmação de que a libido procura essencialmente objetos foi dado por um seu paciente, que lhe protestou: “Você está sempre falando de eu querer satisfazer este e aquele desejo, mas o que eu realmente quero é um pai!” (FAIRBAIRN [1946] (s/d), 177).

No artigo mais antigo, Fairbairn (1941) sustenta que a libido é direcionada a fazer relações com objetos externos e que tais objetos são sempre pessoas:<sup>21</sup>

O fim último da libido é o objeto; e na sua procura do objeto a libido é determinada por leis semelhantes às que determinam a corrente de energia elétrica, isto é, procura o caminho de menor resistência. (FAIRBAIRN [1941] (s/d), p. 49)

Além das experiências clínicas em consultório, foi também atendendo crianças que sofreram algum tipo de violência ou falta de cuidado por parte de seus pais e soldados egressos da primeira grande guerra que Fairbairn (na qual Fairbairn também esteve) passou a formular sua nova teoria, pois a seu ver não fazia sentido pessoas que haviam sido maltratadas e sofrido tanto quererem voltar ao convívio em situações ou com quem as havia machucado; o rompimento de um vínculo com um determinado objeto pode provocar mais dor do que o mal causado por este mesmo objeto.

---

<sup>21</sup> Carlos R. Sutil (2013, p. 60) ao descrever o desenvolvimento intelectual de Fairbairn menciona que este leu as obras freudianas tanto no original alemão como na tradução para o inglês, mas o autor espanhol pondera que as críticas que o escocês fez às concepções biologizantes que percebia na obra freudiana levantam a suspeita de que estaria se apoiando nas traduções para o inglês de *Trieb* por *Instinct*. Como já exposto no capítulo anterior; a diferença entre as concepções fornecidas pelo vocábulo inglês *Instinct* não são desprezíveis e conduzem o intérprete a lugares diferentes daqueles que optam pelos vocábulos *Trieb*. Esta observação alteraria a leitura que se possa fazer de Fairbairn; a partir dela é plausível pensar que o autor escocês concebeu a pulsão freudiana como instinto (ou, também como exposto acima, uma segmentação do arco pulsional). Não obstante a observação do autor espanhol, não acreditamos que um autor com o cabedal intelectual de Ronald Fairbairn, versado em filosofia, medicina, psicologia e psicanálise ignorasse um conceito tão importante e complexo como o de pulsão, especialmente no momento de criticá-lo.

As críticas de Fairbairn dirigiam-se ao seu entendimento de Freud de que a pulsão (que Fairbairn vai chamar libido<sup>22</sup>) visava primordialmente ao prazer e não ao objeto. Para o autor escocês, a libido, além de efetivamente procurar o objeto para uma tentativa de (re)ligação tal qual aquela existente entre o bebê e a mãe na vida intrauterina, visava à segurança, à certeza de que as necessidades básicas do humano seriam satisfeitas pelo objeto. Mas não apenas.

Mitchell (1998) vai um pouco mais além do que o próprio Fairbairn e, a partir da leitura global da obra do autor escocês, afirma que:

Fairbairn sugeria que a procura de objeto, em sua forma mais radical, não é o veículo para a satisfação de uma necessidade específica, mas a expressão de nossa natureza, a forma pela qual, concretamente, nos tornamos seres humanos. (MITCHELL, 1998, p. 117).

Mais do que disputar sobre a centralidade (ou, mais apropriadamente, a não centralidade) que Freud conferia ao objeto em sua teoria pulsional<sup>23</sup> aqui propomos pensar como Fairbairn pensava sobre o que, efetivamente, o ser humano procura quando se dirige ao objeto.

Mitchell, no mesmo artigo acima citado, faz uma análise detida e minuciosa do trabalho fairbairniano sobre o posicionamento da libido em relação ao objeto e sobre suas consequências metapsicológicas. Para o autor americano:

Acredito que Fairbairn (como Sullivan) lutava por uma forma diferente de entender a natureza dos seres humanos como fundamentalmente sociais, não como *atraídos para* uma interação, mas *integrados* numa *matrix* interativa com os outros na medida em que estão em seus estados naturais. (MITCHELL, 1998, p. 117).

Uma conclusão a partir do trecho acima é que Fairbairn percebia o sujeito e o objeto como dimensões entrelaçadas de forma muito coesa, e que não haveria sujeito sem o encontro com um objeto.

Quanto à finalidade da procura (e do encontro) do objeto – e compreendemos que aqui esteja uma importante diferenciação por Fairbairn em relação à teoria freudiana, da qual outras mudanças decorrem – nos diz Mitchell:

Todas as teorias psicanalíticas descrevem indivíduos como procuradores de objetos. A questão é, para que eles estão procurando objetos? Para Freud, objetos são procurados para descarga sexual e de agressividade. Para Sullivan [e para

---

<sup>22</sup> Pode-se pensar que a libido é a energia da pulsão, a parte dela que está ligada ao corpo e à intensidade.

<sup>23</sup> Posição esta que perdurou durante todo seu ensino, embora considerasse, o elemento objeto na economia pulsional. Parece-nos que este debate – a intensidade com que Freud “considerava o objeto” é de menor importância, até porque o próprio afirmou que o objeto era o elemento mais fraco na cadeia pulsional.

Fairbairn], objetos são procurados para a satisfação de várias tendências de integração. (Mitchell, 1998, p. 116, não há grifos no original.).

Mitchell mostra que Fairbairn e Freud partiram de lugares distintos e não poderiam, pois, chegar ao mesmo destino, como de fato não aconteceu. Fairbairn concebia o ser humano como um ser social, portanto, não haverá humano sem que ele tenha uma relação com ao menos um outro ser humano, sem que esteja numa boa ligação com os outros (objetos).

Ainda mais: a ausência ou, mais crível, a pobreza de e nas relações, produz um sujeito esquizoide que vive no que Fairbairn chamará de “sistema fechado”. Viver desta forma é como não viver, ou morrer em vida. Este é um dos pontos em que Fairbairn aproxima-se de Freud, embora negue: a pulsão de morte. E aqui recorreremos mais uma vez a Figueiredo (2018):

De Fairbairn pode-se extrair a utopia “negativa” da morte pela perda de contato, pela ampliação das distâncias – cada um na sua e nada entre eles, nada entre nós – a que se opõe a utopia “positiva”, e igualmente mortífera, do ansiado retorno a uma proximidade absoluta dos objetos. (FIGUEIREDO, 2018, p. 54).

Tanto a proximidade absoluta (identificação) quanto a distância dentro de si (objetos internalizados, estrutura endopsíquica) podem ser compreendidos, de forma simbólica, como a morte do indivíduo que não cumpriu sua missão de integrar-se à *matrix* mencionada por Mitchell. Quando não pode integrar seus objetos internos há uma espécie de congelamento, uma falta de movimento, algo que se assemelha à morte. Por outro lado, quando há tolerância ao movimento e às diferenças, existe vida.

No nosso entender, a influência que Fairbairn sofreu ao atender crianças e soldados de guerra foram determinantes, como já mencionado acima, para fazê-lo pensar na relação de objeto, mas, considerando as péssimas condições como ele os encontrou, foi mais decisivo para mostrar ao autor o quanto a falha das relações de objeto podem produzir uma condição psíquica quase irreversível. Esta demonstração, ao nosso ver, pelo negativo, é que revela a Fairbairn a importância da relação com o outro, como um “salvamento” para o sujeito, que se manteria mais integrado nas relações com objetos não cindidos.

### **Princípio de prazer e Princípio de realidade.**

Outro aspecto da teoria freudiana que Fairbairn critica é o princípio de prazer como o principal no funcionamento do aparelho mental freudiano. Segundo ele, o princípio que teria vigência primordialmente no funcionamento mental é o de realidade. Todavia,

diferentemente do que alguns críticos de Fairbairn afirmam, ele não negou o princípio de prazer<sup>24</sup>.

Tal assertiva é apoiada por Mitchell:

Da mesma forma, Fairbairn entendeu muito bem que seres humanos procuram prazer. Ele não estava contestando essa afirmação. Estava afirmando que Freud suspendeu suas explicações, seus estudos de princípio de prazer muito cedo. Ao fazer do princípio de prazer um princípio fundamental da motivação humana, o princípio fundamental motivacional da teoria das pulsões, Freud não o compreendeu no seu contexto apropriado: o campo objetual-relacional. (MITCHELL, 1998, p. 120).

Sutil (2013, p. 65) ao comentar sobre a crítica que Fairbairn faz ao “dualismo pulsional” de Freud menciona que a ideia que o escocês faz de princípio de prazer está muito próxima à que John Bowlby faria alguns anos depois em sua teoria do apego, na qual substitui o princípio de prazer por “princípio de segurança”, “princípio de certeza”, “ambiente de segurança”.

Auxiliando-nos a compreender melhor a dicotomia pulsão-prazer x pulsão-objeto, Gurfinkel nos oferece uma leitura:

Para Fairbairn, a teoria freudiana da libido “colocou o carro na frente dos bois”. Pois, ao tomar o prazer como a finalidade última do psiquismo, não reconheceu que a função do prazer libidinal é fundamentalmente oferecer um “marco” para a obtenção do objeto. “A libido não busca primariamente o prazer, mas os objetos”. Por não ter levado em conta a importância central das relações de objeto, o pensamento psicanalítico dos primeiros tempos incorreu no erro de uma *inversão básica*, ao considerar o objeto como um marco para a obtenção do prazer libidinal; daí o lugar contingente atribuído ao objeto na teoria freudiana das pulsões. (GURFINKEL, 2017, p. 302-303).

Não sei se podemos concordar que Freud colocou “o carro na frente dos bois” em relação ao seu próprio arcabouço teórico. Em relação ao de Fairbairn e na visão deste, sim, mas Freud não modificou substancialmente sua compreensão do humano, que sugere um indivíduo em face dos outros e não encontrando com o outro para completar sua própria existência. Neste sentido, Freud realmente não poderia chegar a outro lugar que não o de que o sujeito procurasse descargas pulsionais. O princípio de realidade também segue a mesma

---

<sup>24</sup> Michael Balint criticou a posição de Ronald Fairbairn considerando-a intransigente (Scharff & Birtles, 1957/1994, p. 140) e radical. Balint imaginou três hipóteses para deslindar a questão: (i) que tanto o princípio de prazer como o de realidade seriam inatos e independentes; (ii) em algum momento do desenvolvimento parte do prazer se transformaria em busca de objeto; e (iii) busca de prazer é um tipo de busca de objeto nas hipóteses em que a escolha do objeto é indiferente. Fairbairn respondeu à crítica de Balint (Fairbairn in Scharff & Birtles, 1957/1994, Vol I, p. 140) reafirmando que “tal conclusão [a proposição da busca de objeto como a finalidade primária do psiquismo] não implica de forma alguma, o abandono do princípio do prazer, mas apenas uma reinterpretação do mesmo no sentido de que ele representa a deterioração do comportamento decorrente de falhas de adaptação às condições da realidade externa”.

lógica, considerando que para Freud o sujeito deve se submeter à realidade, mesmo que para tanto precise abandonar a perspectiva de prazer.

Fairbairn, por sua vez, deu voz a um movimento “em processo de gestação” (GURFINKEL, 2017, p. 303) que se insinuava, à época, na história das ideias da Psicanálise, no sentido de trazer o objeto para a economia psíquica como um fator não periférico ou contingente<sup>25</sup>. Outros autores antes de Fairbairn, como Sandór Ferenczi, compartilhavam do pensamento de que o objeto efetivamente não tinha participação secundária no arranjo psíquico, embora sua importância se revelasse depois de um período de “onipotência incondicional” pelo qual o bebê precisará passar até alcançar a capacidade de objetivação.<sup>26</sup>

Como consequência (e causa) da consideração de que o princípio que norteia o movimento humano é o de realidade, é a inclusão, por Fairbairn, do Id na estrutura do ego, cuja função – e aqui Fairbairn e Freud concordam – é regular a descarga de tensão “em atenção às condições da realidade exterior”. O princípio de prazer passa, então, a uma posição subsidiária surgindo quando há um empobrecimento das relações, quer por culpa da imaturidade do eu, quer por fracasso das relações.

Neste sentido, Figueiredo (2018):

A suposição de uma pulsionalidade totalmente energética e sem nenhuma remissão a objetos, bem como sem nenhuma estruturação, para ele [Fairbairn] não se sustenta, e quando algo semelhante a isso vem a ocorrer deve ser entendido como resultado de falhas muito básicas nos processos de vida e não como a condição original do psiquismo. (FIGUEIREDO, 2018, p. 53).

A rigor, para Fairbairn, apoiado na visão científica própria de sua época, segundo a qual não se fala mais em distinção entre energia e estrutura, não seriam mais pulsões, não

---

<sup>25</sup> Como ilustração do “espírito da época” que “privilegiava” desejos, sentidos, faltas em lugar de necessidades, mencionamos aqui Donald Winnicott (2005, p. 135-136), referindo tais temas numa carta enviada a Lili E. Peller na qual descreve seu espanto e decepção com colegas da sociedade psicanalítica “Nesta carta, estou tentando responder ao primeiro parágrafo de sua carta de 28 de março. Pode parecer estranho que eu faça essa grande distinção entre desejo e necessidade. Em meu contato com a Sociedade Psicanalítica, contudo estive constantemente em estado de frustração, até mais ou menos 1944, porque nos encontros científicos da Sociedade eu ouvia constantemente referências a desejos, e descobri que isso estava sendo usado como defesa que bloqueava o estudo da necessidade. Na condição de pediatra, voltei-me para a psicanálise com uma consciência bem desenvolvida da dependência infantil, e achei exasperante que a única dependência que meus colegas podiam considerar era a dependência do tipo de providências que levam a satisfações do Id. [...] O progresso no estudo do que pode fazer a psicanálise em relação a personalidades limítrofes depende, antes de mais nada, do reconhecimento da dependência como algo que se refere à necessidade.” (WINNICOTT, 2005, p. 135-136),

<sup>26</sup> Curiosamente, Fairbairn não cita o autor húngaro, que já havia escrito seus textos mais importantes por volta de 20, 30 anos antes de o escocês escrever os seus.

mais “energias livres”, mas necessidades do eu<sup>27</sup>. De um lado as necessidades do eu e do outro, o campo dos desejos; para Fairbairn o sujeito está no mundo de forma despreparada e precisando muito, necessitando fazer e refazer ligações com o ambiente e com os objetos primários.

Ainda no campo do princípio de prazer como o norteador das motivações humanas, Fairbairn ([1946] (s/d), p. 181) também vai afirmar que: “[...] a criança aparenta descarregar tensões porque possuem uma tendência ‘para ser mais emocional e impulsiva’ e que isto, ‘combinado com a quantidade de frustração que ela encontra’” dá esta sensação, mas que tal não passa de mera impressão e que, sim, os bebês, mesmo em tenra idade, já “funcionam” sob o princípio de realidade – realidade esta que vão conhecendo e, se tudo ocorrer bem, à qual se adaptarão.<sup>28</sup>

### **Encontros e desencontros.**

Os estudos de Fairbairn atestam e se apoiam na real possibilidade de má-constituição e má-manutenção de uma boa relação de objeto com objetos externos. Para nosso autor, o desenvolvimento da civilização moderna afastou as mães que saíram para trabalhar, estudar, relacionar-se socialmente com pessoas, de seus filhos, e impôs a estes uma privação de convívio que até poucos séculos atrás não se verificava na história humana. Fairbairn faz uma comparação entre o bebê humano e os bebês animais, que se mantêm próximos de suas mães enquanto tal for necessário ao seu desenvolvimento (às vezes por toda uma vida, outras, por dias, semanas): o humano permanece muito pouco com sua mãe, muito menos do que o necessário para seu desenvolvimento biológico e psíquico.

Por ser o encontro com o objeto um fator determinante no edifício teórico erguido por Fairbairn, um aspecto das primeiras relações da vida do bebê (em especial com a mãe) receberá muita atenção por parte do autor escocês, que é o encontro e sua qualidade, da qual dependerá a boa maturidade e, como consequência, a economia de clivagens e internalizações, que o sujeito fará durante a vida, que pode ser descrita como uma saída obrigatória da dependência absoluta e uma tentativa sempre relativamente frustrada de restabelecer algum tipo de contato.

---

<sup>27</sup> Essa distinção – entre pulsões e necessidades - o próprio Fairbairn não fez, podendo ser encontrada em Winnicott.

<sup>28</sup> Na opinião de Figueiredo, em Fairbairn não se fala mais de movimentos pulsionais, mas em movimentações propriamente ditas na tentativa de sair da dependência absoluta, porém sem jamais deixar de ter conexão com os objetos: “os movimentos do vivo são na direção de seus semelhantes” (Figueiredo, 2021).

Se estas ligações puderem ser mais ou menos bem feitas imagina-se que vá começar a partir daí esse trajeto que leva da dependência total até um amadurecimento e uma interdependência; para Fairbairn, essa procura de novas ligações ou de reativar as ligações anteriores com a mãe nunca vão ser bem-sucedidas.

Este é um aspecto que aparece muito na obra de Fairbairn: pessimismo e tragicidade. Em sua visão, o indivíduo nasce, é jogado no mundo e para se desenvolver é fundamental fazer boas ligações. Em parte, é possível que se consiga boas relações, mas nunca vai ser perfeito e os traumas vão se acumulando ao longo da vida. Não há, portanto, como imaginar uma existência onde o trauma não ocupe um lugar decisivo.

Vai se acumulando no psiquismo uma quantidade enorme de más experiências, de experiências desastrosas, de procuras frustradas por bons encontros e, nessa medida, é que o sujeito vai se constituindo.

São movimentos concomitantes: por um lado o sujeito pode amadurecer e pode criar novos canais, novas estratégias para ter bons encontros; há, porém, um lado que não vai amadurecer. É o lado que vai receber continuamente o acúmulo de experiências frustradas, de experiências dolorosas de procuras que não deram certo e, segundo Fairbairn, o eu, quase inevitavelmente, vai sofrer cisões.

No próximo item, portanto, abordaremos o tema da esquizoidia, vez que central na obra de Ronald Fairbairn.

### **3.4 A importância das formações esquizoides para a nova teoria de Ronald Fairbairn**

O interesse e a importância dos pacientes esquizoides para Ronald Fairbairn revelaram-se significativos, pois para nosso autor escocês, tais indivíduos são altamente preocupados com suas condições psicológicas e sua realidade interior, informando ao analista mais e melhor sobre suas relações de objeto e os extravios destas, uma vez que são estes os pontos de interesse das pessoas que, para usar uma expressão do próprio autor, apresentam “fatores esquizoides”. Assim, a esquizoidia é indispensável à teorização fairbairniana.

Para Fairbairn, os processos mentais de natureza esquizoide passaram a lhe chamar a atenção entre outros motivos porque:

- (3) Contrariamente à opinião comum, os indivíduos esquizoides que não retrocederam demasiado são os capazes de uma maior compreensão psicológica

do que qualquer outra classe de pessoas, normais ou anormais – um fato devido, em parte pelo menos, ao serem tão introvertidos (isto é, preocupados com a realidade interior) e tão familiares com os seus mais profundos processos psicológicos (processos que, apesar de não estarem ausentes em indivíduos que seriam normalmente classificados como simples “psiconeuróticos”, estão todavia excluídos da consciência desses indivíduos pelas defesas mais obstinadas e resistências mais teimosas). (FAIRBAIRN [1940] (s/d), p. 15-16).

Além de possuírem maior compreensão psicológica sobre si próprios e da realidade interior, para Fairbairn, “[...] os indivíduos esquizoides mostram-se capazes de transferência a um grau notável” (FAIRBAIRN [1940] (s/d), p. 16).

A partir da observação de sujeitos que produzem uma grande quantidade de clivagens e internalizações (o fenômeno fundamental para a esquizoidia) Fairbairn vai aproximando-se da ideia de que eles é quem mostrarão, em análise e fora dela, o universo de relações de objetos internalizados como resultado das tentativas fracassadas de estabelecimento de relações externas:

Os processos mentais de natureza esquizoide passaram ultimamente a ocupar minha atenção num grau mais elevado; e os casos nos quais tais processos estão suficientemente marcados para atribuir uma compleição esquizoide reconhecível à personalidade parecem-me atualmente fornecer um material extremamente interessante e fértil em todo o campo da psicopatologia. (FAIRBAIRN [1940] (s/d), p. 15).

Araújo recorda-nos que “[...] O objetivo principal de Fairbairn é sempre discorrer sobre os fatores esquizoides da personalidade, que se constituem como reação às experiências traumáticas do desencontro” (ARAÚJO, 2015, p. 67).

A clivagem do ego vai contar ao observador-analista sobre o grau de integração e desenvolvimento do sujeito: quanto maior a integração, menos clivagens, sendo certo que o contrário também é verdadeiro: para Fairbairn, além da função adaptativa do Eu, há as funções integrativas, entre as quais destaca a de integração de percepções da realidade, a de integração do comportamento e a de discriminação entre realidade interior e exterior.

Assim, um sujeito com grande presença de clivagens do Eu estaria muito próximo de uma condição esquizofrênica, enquanto poucas clivagens do Eu pouco ou nada afetariam as funções integrativas acima mencionadas.

A presença maior ou menor de clivagens diz respeito diretamente à qualidade maior ou menor das relações de objeto no período de dependência absoluta do bebê, pois é na tenra infância que o êxito e as falhas do objeto vão marcar o sujeito e seu destino quanto à possibilidade de estabelecer novas relações de objeto e se estas poderão ser vividas em plenitude. A qualidade da dependência – coluna vertebral da teoria fairbairniana do

desenvolvimento - é que vai regular o funcionamento mais adaptado e integrado ou menos adaptado e menos integrado ao longo da vida.

Figueiredo e Araújo (2013) assim descrevem a teorização de Fairbairn neste aspecto:

Toda a sua elaboração teórica [de Fairbairn] diz respeito ao que se coloca “além (ou aquém) do princípio de prazer, isto é, refere-se à constituição de uma integridade subjetiva – egóica – a partir de uma condição de desamparo radical e de uma dependência igualmente radical do bebê diante de seus objetos primários. (FIGUEIREDO; ARAÚJO, 2013, p. 16)

Assim, o papel das forças libidinais, na tentativa de sair da condição de dependência total, será o de ligar-se a objetos externos com quem se possa estabelecer um bom encontro, protegendo-se do mergulho no mundo interno e da dependência absoluta:

Nesta luta quase sempre fracassada para sair da dependência total, as forças libidinais do indivíduo procuram ligar-se a objetos confiáveis. Freud supõe que a pulsão se orienta na direção da descarga e procura objetos apenas como um meio para reduzir as tensões energéticas e gerar prazer. Fairbairn ao contrário acredita que as pulsões são forças do ego e procuram fundamentalmente objetos a que possam se ligar. (FIGUEIREDO; ARAÚJO, 2013, p. 16-17).

A libido, na concepção fairbairniana e também como bem observado por Stephen Mitchell empurra o sujeito a procurar ligações com objetos que lhe fornecerão, além de satisfação quanto às necessidades naturais, a possibilidade de formação de vínculos reais que o protejam da necessidade de criar um mundo interno povoado de objetos clivados em seus aspectos bom e mau e internalizados.

Segundo nosso autor, no entanto, não é incomum encontrar dentre os histéricos, fóbicos, obsessivos, ansiosos, indivíduos que também apresentam “condições abertamente esquizoides”, em especial durante o tratamento psicanalítico quando as defesas psiconeuróticas enfraquecem.

Os sintomas mais “essencialmente esquizoides” elencados por Fairbairn são: despersonalização, desrealização, perturbações maiores ou menores do sentido de realidade, sentimentos de artificialidade, experiências como “estar detrás de um vidro”, experiências de *déjà vu*. Fairbairn elenca ao lado dos sintomas acima, o de dissociação, personalidade dupla e múltipla e acredita que muitos destes, descritos por Janet como base sobre a qual formulou o conceito clássico de histeria são em realidade comportamentos esquizofrênicos:

Um fato que interpreto a favor da conclusão a que já cheguei na base de minhas próprias observações de que a personalidade histórica contém invariavelmente um fato esquizoide em maior ou menor grau, por mais profundamente que possa estar enterrado (FAIRBAIRN [1940] (s/d), p. 18).

Todos em alguma medida apresentam clivagens do ego, alguns em situações extremas, que exigem, de acordo com Fairbairn, um “reajustamento” na vida, como em casamentos, adolescência, convocação para guerras e outros as apresentam em situações mais vulgares da vida.<sup>29</sup>

Esta afirmação parece ser uma generalização excessiva, porém podemos imaginar que todos temos esta tendência a nos retrairmos, quando somos objeto de rejeição. O que varia é o grau de retraimento, que em algumas situações deixa espaço para que uma dimensão do eu permaneça aberta às trocas com o mundo, apesar das frustrações e das rejeições.

A partir de suas experiências clínicas com pacientes esquizoides, Fairbairn vai voltar seu olhar para o que resulta das falhas das tentativas de ligações (o mundo interno povoado por objetos internalizados), como terreno sobre o qual se deter e no qual empregar esforços no sentido de desenvolver uma nova teoria.

Como o mundo interno na condição esquizoide é mais habitado de ligações que o externo, Fairbairn ilustra que são pessoas que vão se encantar por “sistemas de pensamento” desligados de coisas, dos processos e das pessoas. Não se ocupam das relações humanas, tão ricas e complexas, mas que demandam atenção e investimento libidinal.

A partir também destas constatações, Fairbairn constrói, em 1944, uma nova concepção de psiquismo que se constitui justamente de internalizações de objetos e de partes do próprio eu: a estrutura endopsíquica, sobre o qual falaremos no item seguinte.

### **3.5 Estrutura endopsíquica.**

Em 1944 num artigo intitulado *Estrutura endopsíquica considerada em termos de relações de objeto*, Fairbairn propõe uma nova teorização do aparelho psíquico e substituição à segunda tópica freudiana (Id, ego e superego), batizando-a “estrutura endopsíquica”, formada a partir de cisões e internalizações de partes más dos objetos e do próprio eu (ego) para relacionar-se com os objetos internalizados. A estrutura endopsíquica, para o autor escocês, substitui a estrutura mental tripartite de Freud e, de acordo com Ogden:

O elenco de personagens (isto é, suborganizações da personalidade) que constituem o mundo de objetos internos de Fairbairn é maior do que o triunvirato do modelo estrutural de Freud e fornece o que considero um conjunto mais rico de

---

<sup>29</sup> Como “comprovação” de que todos os humanos fazem clivagens em algum momento e em alguma intensidade, e que ela é, portanto, um evento universal, Fairbairn cita o fenômeno do sonho, no qual o sonhador normalmente é representado no sonho por duas ou mais figuras separadas, o que demonstraria a clivagem. Outra “prova de clivagem” seria a formação do Superego.

metáforas com as quais compreender (1) certos tipos de dilemas humanos, especialmente os baseados no medo de o amor ser destrutivo e (2) o papel central desempenhado por sentimentos de ressentimento, desprezo, desilusão, e “amor” aditivo na estruturação da mente inconsciente. (OGDEN, 2014, p. 89).

Tal estrutura, à qual chegou Fairbairn depois de escutar o relato de um sonho por uma sua paciente<sup>30</sup>, é formada por:

- ego central
- ego ideal
- ego internalizado libidinal ou sedutor
- ego internalizado antilibidinal ou sabotador
- objeto internalizado libidinal e
- objeto internalizado sabotador

A estrutura endopsíquica é uma “solução” para o indivíduo cujas relações com a realidade exterior – em especial com a mãe – foram da ordem do insuportável, seja por rejeição, seja por incapacidade de diferenciação, seja por sentimento (imaginário ou real) por parte do bebê de que a relação não é boa. São então estabelecidos objetos internos compensatórios. A cada porção má do objeto externo<sup>31</sup> que é internalizada, um “pedacinho” do ego também precisa ser “sacrificado” para lidar com o objeto internalizado.

Ogden vê assim a criação da estrutura endopsíquica de Fairbairn:

Num esforço de simplificar e, desse modo, obter algum controle sobre a relação internalizada com a mãe não amorosa, o bebê se engaja em uma manobra de dividir para imperar. (Fairbairn 1944, p.112). O bebê divide a mãe não amorosa (objeto interno) em duas partes: mãe tanzadora e mãe rejeitadora. (OGDEN, 2014, p. 97).

O despedaçamento do psiquismo saudável (ou de parte dele) é decorrência direta da má relação entre mãe e bebê. Para Fairbairn, esta relação terá três traços fundamentais: gratificação, privação e sedução. Uma vez que a harmonia entre as três funções se desequilibra, o estrago estará feito e o bebê deslizará para o mundo interno.

---

<sup>30</sup>No sonho a paciente é atacada por uma atriz conhecida e ambas são observadas pelo marido da sonhadora, que permanece inerte. Depois do ataque a atriz volta ao palco e a sonhadora observa a si mesma atacada e se transforma num homem, alternadamente, até acordar.

<sup>31</sup> Maus por não poderem satisfazer as necessidades do eu.

Não é possível saber se a mãe é quem não pôde convencer o filho de que o ama ou se o filho é quem não pôde ser convencido.

Os objetos resultantes da internalização serão:

- objeto ideal, que corresponderá ao aspecto gratificante da mãe
- objeto sedutor, que corresponderá ao aspecto sedutor da mãe
- objeto rejeitador, que corresponderá, por sua vez, ao aspecto privador da mãe.

Como já mencionado acima, para “lidar” com cada um destes objetos cindidos e internalizados, são, na opinião de Fairbairn, necessários egos, que serão cindidos do ego original. Assim, teremos um ego libidinal, um antilibidinal e, por fim, um ego central, que se relacionará com o objeto ideal internalizado e também com a realidade exterior.

O ego libidinal liga-se ao objeto sedutor e mantém a esperança de poder fazer uma verdadeira relação com o objeto, mas num nível interno, pois não tem coragem de “transportar” para a realidade externa sua esperança de uma boa relação.<sup>32</sup>

O ego antilibidinal ataca tanto o objeto sedutor (por tê-lo frustrado) como o ego libidinal, por sua esperança de conseguir manter uma ligação com o objeto que “os” frustrou. Ele é o inimigo da esperança, aquele que sopra no ouvido que “nem adianta tentar” porque não vai dar certo.

Dentro do mundo interno o sujeito vive aprisionado pelo medo, pelo pavor dos maus encontros, dos objetos maus, persecutórios e rejeitadores e, ao mesmo tempo, aprisionado pela esperança vã de que vai surgir um objeto responsivo, acolhedor. O maior dos medos é da desintegração.

Isso se dá porque, como já apontado neste trabalho, para Fairbairn, não se fala em ego sem objeto, de que resulta ser mais vantajoso (porém não mais agradável tampouco menos doloroso) um ego e objetos cindidos, todos internalizados convivendo entre si, que um ego suportar viver sem objetos, porque sequer existirá um ego, na compreensão de Fairbairn, um ego.

Para Greenberg e Mitchell (1994) a estrutura proposta por Fairbairn para representar o psiquismo do indivíduo cujas relações não obtiveram êxito representa:

---

<sup>32</sup> Recordo-me de uma pessoa que atendi anos atrás que nutria obsessivamente a esperança de poder ter uma boa conversa com sua mãe, de poder contar-lhe uma novidade e ouvir da mãe uma frase de alegria ou de apoio em lugar de escutá-la repetir reclamações sobre a vida etc. Sempre que sucumbia ao medo e chegava a fazê-lo, era novamente frustrada e voltava para seu refúgio interior, certa de que havia feito algo errado ou irrelevante.

A luta essencial que envolve as lealdades irreconciliáveis da pessoa em seus anseios por e identificações com vários traços de seus outros significativos, no mundo externo e como foram internalizados num esforço para controlá-los. (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. 123)

O que entendemos muito importante desta construção de Fairbairn é que tais pares formam um mundo interno ou estrutura endopsíquica que tende a se fechar. É para este mundo de objetos maus que o sujeito sente a tendência de se retrair, de forma a exercer algum controle (imaginário, ainda que necessário) sobre esta realidade, que apesar de difícil parece melhor do que o enfrentamento das ambivalências e dos conflitos no mundo de fora com as pessoas que estão na realidade exterior.

De acordo com Figueiredo e Araújo (2013):

O internalizado será sempre o objeto “mau”, seja “mau” porque falte, seja “mau” porque falhe. Desta maneira há uma origem traumática para a vida subjetiva que faz com que sejamos construídos pelos vestígios e sequelas da nossa “má sorte”. Estamos como que “recheados” e “configurados”, basicamente, dos e pelos aspectos menos satisfatórios de nossas relações com o mundo. Carregamos conosco nossos fracassos relacionais. Lidar com isso importará inevitavelmente defesas muito terríveis e primitivas como as *cisões*. (FIGUEIREDO; ARAÚJO, 2013, p. 26).

E, diferentemente do que ocorre em outros autores da psicanálise (como por exemplo, Melanie Klein) o objeto cindido e internalizado fairbairniano muito pouco tem a ver com representações, embora a ideia que normalmente se faça, na psicanálise, de objetos internalizados seja mais próxima desta de “experiência”, “de representações”, de “teatros do eu”.

A respeito, Sutil vai dizer que:

Os objetos sobre os quais fala Fairbairn não são representações, nunca chegaram a ser representados, são nada mais que esquemas de ação nas relações interpessoais, com todo seu complemento emocional”. (SUTIL, 2013, p. 226).

É a relação entre estas partes cindidas e internalizadas entre si (egos e objetos mediados pelo eu central e pelo ideal de eu) que vão constituir as relações de objeto propriamente ditas e que são o material de estudo com o qual se ocupa a Teoria das Relações de Objeto.

A origem dos objetos internos são os objetos externos reais, porém cindidos, com os quais o sujeito (ego) tentou estabelecer um bom encontro; podemos dizer que são como fantasmas de uma vida que não pode ser plenamente vivida na realidade externa.

Fairbairn inicia o artigo de 1944, no qual desenvolve sua nova concepção de estrutura mental, fazendo críticas a Freud, quando este afirma, em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920) que a psicanálise sempre acreditou na regulação do psiquismo pelo princípio de prazer. Como apontam Figueiredo e Araújo aparentemente Fairbairn não percebeu a ironia contida na afirmação freudiana logo no início do texto de 1920 e que estava concordando com Freud em alguns pontos, especialmente com relação à pulsão de morte: “Neste momento Fairbairn passa perto sem se dar conta de uma possibilidade de se articular mais intimamente com Freud.” (FIGUEIREDO E ARAUJO, 2013, p. 29).

Um dos pontos de contato - a tentativa de controle da estrutura endopsíquica sobre relações faltantes ou que falharam como, por exemplo, com objetos excitantes - é bastante parecido com algo sugerido por Freud em *Além do princípio do prazer* na sua ideia de propensão regressiva quando do fracasso das “possibilidades mais progressivas de lidar com as energias”. Fairbairn praticamente repete a ideia de Freud contida em *Além do princípio de prazer*, no sentido de redução de energia a um ponto de neutralização (ou de pulsão de morte).

Ainda citando Figueiredo e Araújo (2013, p. 31):

As estruturas endopsíquicas poderiam ter sido tomadas por Fairbairn como uma “presença antecipada de morte” habitando a interioridade psíquica e que dá ao eu uma sobrevida, mesmo que dolorosa.

A clínica com *borderlines*, por exemplo, testemunha este lugar de ausências, de falta de memória, de esperança, de quase-morte e de eterno “quase-religamento” que é como podemos descrever o psiquismo e a forma de viver sugeridos por Fairbairn.

Uma consequência interessante, na clínica, ao ter em mente a estrutura endopsíquica é que o analista passa a prestar menor atenção aos acontecimentos ocorridos no passado e mais à relação que o paciente tem com seus objetos internos na atualidade, sendo certo que quaisquer acontecimentos – reais ou imaginários – ocorridos em qualquer momento da vida são importantes, mas o olhar do analista para o paciente com formações esquizoides passa a ser para as relações de objeto internas e atuais do paciente.

Passaremos agora a outras contribuições de Fairbairn à teoria psicanalítica, que é sua abordagem sobre psicopatologia apoiada na fase oral e a sua teoria do desenvolvimento a

partir da qualidade (ou falta de) do encontro e na melhor maturidade possível adquirida ao longo da passagem da vida de bebê a de adulto.

### 3.6 Qualidade do encontro e teoria do desenvolvimento.

Como já exposto acima, para Fairbairn, viver não se trata de descarregar energias que pressionam o corpo exigindo a realização de um trabalho pelo psiquismo para sua regulação, mas de fazer o (re)encontro com objetos e estabelecer ligações na melhor forma possível, a despeito da ambivalência, que, segundo a opinião de Ogden:

É o problema psicológico mais difícil e mais formador em termos psíquicos que o bebê ou a criança enfrenta.

...

A escrita de Fairbairn contém uma ambiguidade crítica com relação a este dilema humano nuclear. A linguagem usada por ele suscita repetidamente na mente do leitor as indagações: Será que todo bebê é traumatizado pelas experiências de deficiência no amor da mãe por ele? Ou será que o bebê interpreta de forma inadequada as frustrações inevitáveis (e necessárias) como manifestação de falta de amor da mãe? (OGDEN, 2014, p. 91).

Fairbairn percebe a vida sempre traumática mesmo que nem todos vivam traumas tão devastadores, porém, para ele os traumas não são apenas devastadores, são estruturantes: as pessoas se estruturam, se constituem, para o bem ou para o mal, a partir das experiências de desencontro com os objetos do mundo e de insatisfação e frustração das necessidades.

Ele concebe que o bebê, quando nasce, está em total identificação e dependência da mãe (que ele chama de identificação primária)<sup>33</sup> e que referida identificação remete ao período intrauterino, quando não havia ainda diferenciação entre os corpos de ambos. A grande batalha do bebê será sair desta identificação e da dependência absoluta para a dependência relativa, o que demandará separação gradual que, seguramente, produzirá angústia. Mas, não somente. Além de sair da dependência, o bebê precisará contar com um bom encontro com a mãe-seio.

---

<sup>33</sup> De acordo com Fairbairn, na fase de dependência absoluta: (1) apesar da relação emocional envolvida ser essencialmente entre a criança e a mãe como uma pessoa, e apesar de se dever reconhecer que o seu objeto libidinal é realmente a mãe como um todo, o seu interesse libidinal está essencialmente concentrado no seu eu; e o resultado é que na proporção em que ocorrem perturbações na relação, o próprio seio tende a assumir o papel de objeto libidinal, isto é, o objeto libidinal tende a assumir a forma de um órgão corporal ou objeto parcial (em contraste com uma pessoa ou um objeto total); (2) a atitude libidinal é essencialmente uma em que o aspecto do *receber* predomina sobre o de *dar*; (3) a atitude libidinal caracteriza-se, não só por receber, mas também por *incorporar* e *interiorizar*; e (4) a atitude libidinal é aquela que confere um significado tremendo aos estados de *plenitude* e *vazio*. (FAIRBAIRN, [1940] (s/d), p. 24-25) não há grifos no original.

Para Fairbairn o desenrolar tanto psicopatológico como saudável da criança (que poderá assim se desenvolver) passa necessariamente pela oralidade. No texto de 1940 afirma que:

O eu da criança pode ser descrito sobretudo como um “eu oral” e, enquanto este fato exerce uma profunda influência sobre o desenvolvimento subsequente de todos os indivíduos, a influência é particularmente marcada no caso daqueles que subsequentemente manifestam características esquizoides. Na medida em que a criança está em causa a boca é o principal meio de satisfação e de frustração, o principal canal de amor e ódio e mais importante que tudo, o primeiro meio de contato social e íntimo. (FAIRBAIRN, [1940] (s/d), p. 24).

Como uma possível consequência da falha da relação mãe-bebê, e tendo em mente que as coisas se passam no campo oral, a tendência será a atitude de incorporação e a predominância do receber sobre o dar. Neste ponto é que Fairbairn começa a pensar na dificuldade do que ele chama de “indivíduos com tendência esquizoide” sentem para, basicamente, relacionarem-se.

Fairbairn pensa em dois momentos em que o fracasso na relação bebê-mãe pode ocorrer: na primeira fase oral, quando ainda ocorre total identificação; o bebê “sente” que foi seu amor que arruinou a relação: a intensidade da dependência dele pela mãe a afastou. Num segundo momento, quando o bebê já possui os primeiros dentes e pode expressar seu ódio através da mordida, um eventual fracasso teria o ódio como veículo: o bebê “sente” que afastou a mãe por conta de sua destrutividade.

Em ambas as “fases” o bebê (e depois a criança, o adulto) sente que tanto seu amor como sua inaptidão para manejar o ódio são destruidores e que é ele quem provoca as falhas no objeto que (justificadamente, no seu sentir) não consegue acolhê-lo.

A qualidade destes primeiros encontros do bebê com o seio materno – e a mãe – é que vai determinar a forma como o bebê vai viver suas relações futuras e se parte ou a totalidade das relações de objeto deste bebê serão maiormente externas ou internas, se o mundo do sujeito será vivido sob o signo da realidade externa ou interna.

Figueiredo (2018) sintetiza muito bem o espírito do trabalho de Fairbairn:

Toda a elaboração teórica de Fairbairn diz respeito ao que se coloca “além (ou aquém) do princípio de prazer”, insto é, refere-se à constituição de uma realidade subjetiva a partir de uma condição de desamparo radical e de uma dependência igualmente radical do bebê. (FIGUEIREDO, 2018, p. 49).

Também valorosa a compreensão e descrição que Araújo faz dos efeitos da má qualidade da dependência:

Quando já instaurada a capacidade de se diferenciar do outro, a criança sente que o objeto a rejeitou porque ele a odeia. Neste momento ele já constituiu a

possibilidade de odiar o objeto que a odeia. Entretanto, quando a experiência traumática se abate sobre a criança em um momento muito precoce, ela não se sente odiada, ela se sente odiável. Desse modo, a criança, ao se deparar com falhas persistentes e precoces do objeto, passa a sentir que a ávida necessidade de se ligar a ele é má e o esvaziou. (ARAÚJO, 2015, p. 72-73).

É esta percepção traumática que levará a criança a querer se refugiar dentro de si, em um retraimento esquizoide.

A constatação dos limites da capacidade de amar tanto seus (do ponto de vista do bebê) quanto supostamente de sua mãe (também do ponto de vista do bebê) levam-no ao retraimento esquizoide; pode-se afirmar que sempre que acontecer alguma forma de rejeição (real ou não), haverá um retraimento do investimento libidinal do exterior para um mundo interno, mais fechado e mais protegido da dor da rejeição.

O que deve ocorrer, no amadurecimento mais próximo do “ideal” é a possibilidade de diferenciação, pelo bebê, dos estados iniciais de amamentação (dependência absoluta e identificação total com o seio/mãe) até o estado de transição e amadurecimento relativo, quando os órgãos privilegiados de “passagem” da libido serão os genitais.

Fairbairn aponta que a fase de transição entre a dependência absoluta e a relativa é de crucial importância para que haja, na vida adulta, boas relações de objeto, e que marcará o abandono da identificação total entre sujeito e objeto; o que, se por um lado garante o deslocamento de um para outro objeto, pode também lançar o indivíduo numa vida de inseguranças quanto à capacidade de oferecer conteúdos bons a seus objetos externos e de neles confiar. É durante referida fase de transição (que pode nunca ser concluída e durar a vida toda) que o sujeito, a fim de suportar vivenciar as relações de objeto, poderá lançar mão do que o autor escocês chamou de “técnicas” para “lidar” com os embaraços deste período<sup>34</sup>.

O bebê precisa ir percebendo que existe um ciclo virtuoso que começa na amamentação: o leite que alimenta/enche é o mesmo que depois de ingerido e incorporado transforma-se em fezes e será oferecido ao mundo externo/mãe como criação do bebê. Mas, como muito bem aponta Araújo: “O significado desses processos de excreção/doação só pode se completar se houver do outro lado uma mãe capaz de aceitar esses gestos de amor” (ARAÚJO. 2015, p. 64).

---

<sup>34</sup> Tais “técnicas” são os vários sintomas neuróticos, histéricos, perversos e fóbicos dos quais o indivíduo lança mão para lidar com a esquizoidia subjacente presente em todos nós. Uma vez que tais técnicas falhem, advém o quadro esquizoide.

Ou seja, a mãe tem de reconhecer, para o bebê, o resultado da transformação que se inicia na amamentação e conclui-se na doação das fezes, sob pena de o bebê não se sentir reconhecido como alguém que produz conteúdo, que tem criatividade e pode sentir gratidão; a falta de reconhecimento tem potencial para produzir uma fixação nesta fase, limitando a confiança do sujeito em si e em potenciais objetos.

Tendo em mente a dinâmica do receber e do dar mencionado por Fairbairn quando descreve a simbologia que o amamentar pode produzir, nosso autor vai dizer que um indivíduo maduro poderá oferecer seus bons conteúdos aos seus objetos externos confiáveis; esta “potência para” é que se pode chamar de amadurecimento, que nunca será pleno, mas próximo do ideal porque certamente o amadurecimento completo nunca ocorrerá, pois algo de imaturo, de apego, de ambivalência, da sensação de vazio permanecerá ao longo da vida.

Agora já nos dirigindo para o final deste trabalho, vamos abordar um conceito no qual nosso autor vai pensar, já em uma fase mais madura de seus escritos, e posterior à década de 1940, quando produziu seus textos metapsicológicos: o sistema fechado.

### **3.7 Sistema Fechado. A dimensão clínica da teoria fairbairniana.**

Fairbairn dedicou-se a pensar as repercussões clínicas de suas teorizações a partir de 1950 embora encontremos em alguns textos anteriores a esta década menções à clínica, porém não especificamente ao “sistema fechado”.

Em *On the nature and aims of psychoanalytical treatment*, (FAIRBAIRN [1958] (1994), p. 84) refere-se ao que passou a chamar de sistema fechado da seguinte forma:

Eu agora passei a considerar como a maior de todas as fontes de resistência - por exemplo, a manutenção do mundo interno do paciente como um sistema fechado. Em termos da teoria da constituição mental que propus, a manutenção de tal sistema fechado envolve a perpetuação de relacionamentos predominantes entre as várias estruturas do ego e seus respectivos objetos internos, assim como entre as estruturas; e, dado que a natureza destas relações é a maior fonte de sintomas e desvios de caráter, torna-se ainda uma outra finalidade do tratamento psicanalítico produzir brechas no sistema fechado que constitui o mundo interno do paciente para torná-lo acessível à influência da realidade externa.

Desta afirmação é possível deduzir o quão improvável, embora não impossível, é a transformação do funcionamento esquizoide baseado em clivagens e na formação de um elaborado mundo interno. Mas também é possível pensar, como muito bem sintetizou Sutil:

O objetivo [da terapia baseada na teoria fairbairniana] não é a *análise*, mas a *síntese*.

A resistência só pode ser superada quando a transferência chega a um ponto em que o analista se torna um objeto bom, tão bom que o paciente se atreve a exteriorizar seus objetos maus inconscientes. O terapeuta, conseqüentemente, se apresenta como um “sucessor do exorcista” cuja missão não é tanto perdoar os pecados, mas despejar os demônios. (SUTIL; 2013, p. 220).

Com efeito, se considerarmos a formação da estrutura endopsíquica, que é a expressão máxima de um mundo interior organizado a partir da necessidade de controle de objetos e considerando que o analista deve permanecer na realidade externa, a possibilidade de trazer – e manter - o paciente para o mundo externo é bastante pequena, mas a única saída para um trabalho terapêutico.

Ogden (2014, p. 110) vai chamar a saída do sistema fechado fairbairniano de “crescimento psicológico”. O autor americano, segundo ele, toma a liberdade de falar com suas próprias palavras sobre o crescimento psicológico que ele imagina cabível, por considerar – não sem razão – a prosa de Fairbairn densa, as metáforas mecânicas e o autor escocês deveras confiante em sua terminologia técnica, causando um afastamento do “quase tudo que se assemelhe a uma experiência humana”. Ogden desenvolve sua ideia de crescimento psicológico em pensamentos que ele crê “implícitos” no trabalho de Fairbairn. Na sua opinião:

Embora Fairbairn jamais diga desta maneira, acredito que o princípio psicológico mais importante, que dá base à sua concepção de crescimento psicológico, seja a ideia de que toda a maturação psicológica envolve a aceitação genuína de si mesmo e, por extensão, a aceitação dos outros. (OGDEN, 2014, p. 111).

Figueiredo (2018) assim comenta as perspectivas clínicas de Fairbairn:

Fairbairn não era muito otimista quanto ao poder terapêutico da psicanálise: podem-se abrir brechas e novas possibilidades nos sistemas fechados, pode-se abrandar o rigor das defesas depressivas e tornar mais permeáveis as crostas mineralizadoras, mas ninguém é curável de sua esquizoidia, ninguém se cura de *si-mesmo*. (FIGUEIREDO, 2018, p. 52).

Minha tendência é concordar com esta análise, seja por minha própria experiência clínica descrita por mim na introdução a este trabalho, seja porque a própria esquizoidia, em especial as calcadas em uma grande incidência de cisões, sequer vê como oportunidade a tentativa de flertar com o mundo externo; pelo contrário, o contato com a realidade externa é extenuante e sofrido.

Em casos dos chamados *borderline* com cisões menos extensas e menos profundas, em que pode haver contato com objetos reais externos, mesmo que em setores mais operativos da vida, entendo possível abrir fendas nas defesas para se aproximar do, por assim

dizer, núcleo esquizoide, mas o analista deve tomar o cuidado de manter-se como objeto externo e não ceder à forte atração exercida pelo núcleo e pelo funcionamento do sistema.

Como alerta muito bem Araújo: “Ele [o analista] precisa resistir bravamente para não ser totalmente engolido por esse funcionamento” (ARAÚJO, 2015, p. 91).

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta jornada sobre a teoria pulsional freudiana e a obra produzida por Ronald Fairbairn sentimos necessidade de elencar alguns limites da obra do autor escocês, vez que, quando o anunciamos como um autor que pretendeu oferecer uma teorização substituta a algumas teorias desenvolvidas por Freud, podemos ter passado uma errônea impressão de que seria possível adotar os posicionamentos fairbairnianos para todas as situações da vida do ser-humano. Não é o caso, porém.

Tomamos aqui emprestadas as palavras do autor americano Stephen Mitchell sobre a recepção de uma obra intelectual:

Uma das melhores lições conferidas pelo enorme corpo teórico freudiano que se tornou, por direito, um campo da história da intelectualidade, é que a maioria dos teóricos pode ser lida de muitas e muitas diferentes formas. Uma segunda lição é que provavelmente é um erro esperar que um grande inovador realmente compreenderá a revolução da qual participa. Uma vez que os teóricos têm uma visão de mundo e lutam para dar à luz a outra, é possível pensar que não imaginem qual será a plena fruição de seus esforços. (MITCHELL, 1998, p. 115)

Ao ler a obra de Fairbairn fica-se com a sensação de que ele pretendeu que suas teorias substituíssem as freudianas, mas também que – legitimamente – não imaginou o alcance que suas obras teriam décadas depois de sua publicação. Neste trabalho, em algumas passagens, transmitimos a ideia – nossa ou de autores citados – de que Fairbairn atingiu um alvo diferente daquele por ele imaginado. Como salientou Mitchell acima, o autor que está em plena luta para criar e entregar uma nova teoria para o mundo dificilmente tem noção dos efeitos do que produz. No caso de nosso autor escocês, no que respeita ao êxito revolucionário que esperava obter, é possível afirmar que foi ao menos diferente do que possa ter imaginado.

Fairbairn concentrou bastante de sua energia para contrapor-se a Freud, mas não se distanciou tanto quanto pretendeu do autor austríaco. A rejeição à teoria pulsional, como é exposta, no sentido de que a pulsão procura o objeto e não o prazer, embora bastante razoável, acaba por encontrar mais argumentos para se demonstrar ao longo das décadas desde a morte do autor; são os leitores de Fairbairn quem vão preenchendo de sentido as afirmações peremptórias feitas por ele, como: *libido is object seeking*. Podemos citar John Bolwby como um destes leitores, que sugere o princípio de certeza, ou de segurança como o que “guia” o bebê à direção do seio e aos demais objetos.

Um outro ponto da teorização que fica deixando uma sensação de falta é a teoria do amadurecimento e do desenvolvimento calcadas na boa qualidade da relação mãe-bebê. Sentimos que o autor escocês põe muita importância na dependência do bebê-criança e especialmente na dependência do bebê-criança em relação à mãe. É marcante a ausência do pai do bebê na obra fairbairniana que, aparentemente, não contribui para o desenvolvimento da criança, a não ser secundariamente.

Neste sentido, Greenberg e Mitchell:

Fairbairn não concebe a possibilidade de que os pais preencham importantes funções no desenvolvimento que não a gratificação da dependência infantil, tais como a de encorajar a separação, colocar limites e controles, refletir a grandiosidade infantil ou introduzir a criança ao mundo. (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. 132).

É também digno de nota como Fairbairn relega aos objetos bons (porém internalizados) o papel de objetos morais através da “defesa moral”; bons relacionamentos, bons encontros, seriam desejáveis para compensar os maus encontros ou seus efeitos no psiquismo humano, mas parece realmente que os olhos de Fairbairn estão voltados para os encontros frustrados, falhos e faltantes.

O deslizamento dos objetos bons para “dentro” da estrutura endopsíquica foi imaginado por Fairbairn (1943) como uma equação para compensar a culpa que a criança sente por se sentir má (ela se identifica com objetos maus que deveriam ser bons – os pais):

Os maus objetos que a criança interioriza são incondicionalmente maus; porque são simplesmente perseguidores<sup>35</sup>. Na medida em que a criança se identifica com estes perseguidores internos ou (dado que as relações infantis se baseiam na identificação) na medida em que o seu eu tem uma relação com ele, também ela é incondicionalmente má. Para corrigir este estado de maldade incondicional, dá aquilo que é realmente um passo muito óbvio: interioriza os seus bons objetos, que em consequência assumem um papel de supereu. (FAIRBAIRN, [1943] (s/d), p. 92).

Não fica claro, considerando que o eu central continua em contato com o mundo externo, porque os objetos bons precisam ser internalizados e não podem ser mantidos na realidade externa da criança para a criação de bons vínculos. Provavelmente porque Fairbairn concebia que uma vez instaurada a estrutura endopsíquica a partir de cisões e

---

<sup>35</sup> Neste trecho do texto de 1943 Fairbairn está comentando sobre crianças que haviam sido maltratadas por seus pais e/ou viviam em condições familiares muito precárias.

internalizações, os objetos bons que houver não teriam condições de “resgatar” a criança de seu mundo interno em função da falta de esperança desta em construir relações confiáveis.

É como se o prato dos maus encontros estivesse sempre pesando mais que o dos bons encontros na balança da vida e da constituição psíquica pensada por Fairbairn.

Porém, é justamente este pendor para olhar mais para os maus encontros que confere ao autor sua importância na psicanálise contemporânea, praticada mormente em fins do século XX e início do XXI através de uma redescoberta por psicanalistas europeus e americanos nos anos 1990.<sup>36</sup> A “modernidade líquida” – para usar uma expressão cunhada pelo sociólogo Zygmunt Bauman - referindo-se ao mundo pós-moderno ou contemporâneo e às relações entre as pessoas próprias deste mundo e deste tempo – demandou conceitos e teorias psicanalíticas que “dessem conta” da “subjetivação da modernidade” (FIGUEIREDO, 2018, p. 50) plena de vazios e inspirada na ideia de “autonomia” como um lugar ideal no qual chegar.

Como constata Gurfinkel:

Se tomarmos Fairbairn ao pé da letra, podemos dizer que há, em geral, na psicanálise de hoje, bem menos da ruptura epistemológica por ele concebida do que devia ter sido seu desejo e ambição; os próprios colegas de *Middle Group* trataram de dar início a este processo de “castração simbólica”. No entanto, há na psicanálise contemporânea muito mais do espírito de Fairbairn do que usualmente se reconhece; aliás, o próprio Winnicott demorou a perceber o que havia de Fairbairn nele mesmo. (GURFINKEL, 2017, p. 542).

Os ingredientes, por assim dizer, com os quais trabalhou Fairbairn em seus estudos e em sua clínica, como as formações esquizoides, cisão, a internalização, dificuldade em lidar com a agressividade, a dependência absoluta etc. atualmente são fenômenos que vemos muito frequentemente nas ruas e em nossos consultórios. Fairbairn não deu muita vazão aos aspectos simbolizantes da descarga pulsional, mas de alguma forma, parecia estar antevendo o futuro porque lidamos com muita frequência com pacientes que têm justamente esta limitação, como mostra Figueiredo (2018):

Quanto a Fairbairn, sinto uma forte ressonância entre sua maneira de pensar o futuro (ele escrevia nas décadas de 1930, 1940 e 1950) e os fenômenos sociais e psíquicos que estamos experimentando no final do século XX e início do XXI. (FIGUEIREDO, 2018, p. 55).

---

<sup>36</sup> De que resultou a edição em 1994 de textos seus – alguns nunca antes publicados – reunidos no livro *From instinct to self*, em dois volumes e, quatro anos mais tarde, de *Fairbairn - them and now*, que reúne artigos de vários psicanalistas do hemisfério norte.

Com estas palavras quero dizer que Fairbairn, mesmo que tenha deixado aspectos do humano sem análise, como indicamos acima (objetos bons, a função paterna, desenvolvimento da criança mesmo na adversidade), possivelmente por sua forma um tanto quanto ostensiva em relação às posições de Freud, tenha primeiro inibido no meio intelectual psicanalítico e depois de um certo período chamado a atenção não para a ousadia de suas palavras, mas para a importância de haver proposto o que Camila Junqueira (2019) chamou de “metapsicologia dos limites” para dar apoio à clínica de pessoas cujos funcionamentos estão aquém e além – ou fora – do princípio de prazer, funcionando sob o signo do vazio e do pânico (FIGUEIREDO, 2018).

A obra de Fairbairn, ao colocar a falha nos encontros e a falta percebida como mortífera no centro da psicopatologia e da estruturação psíquica em si, fornece muitos elementos para pensar o sujeito contemporâneo, individualista, crente na autonomia, que se “comunica” o tempo todo e “com todos”, mas que se queixa de solidão, de que não consegue compreender e ser compreendido e que não tem ferramentas para lidar com as incertezas que tanto colorido dão à vida.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Téo W. *Fairbairn: Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- BARROS, Carlos Paes de. *Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico*. In: *Psicanálise: problemas metodológicos*, Petrópolis, Vozes, 1975, pp. 41-78.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BEZERRA JUNIOR, Benilton. *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos: Do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BLEICHMAR, Norberto M.; BLEICHMAR, Célia Leiberman de. *A psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- DURKIN, Kieran. *The radical humanism of Erich Fromm*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- ESTEVÃO, Ivan R. *Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana*. In *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, n.19, p. 79-106, 2012.
- FAIRBAIRN, William Ronald D. (1940) *Uma teoria da personalidade baseada nas relações de objeto*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (s/d).
- \_\_\_\_\_. (1941) *Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (s/d).
- \_\_\_\_\_. (1943) *O recalçamento e a reaparição dos objetos maus (com especial referência "as neuroses de guerra")*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (s/d).
- \_\_\_\_\_. (1944) *Estrutura endopsíquica considerada em termos de relações de objeto*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (s/d).
- \_\_\_\_\_. (1946) *Relações de objeto e estrutura dinâmica*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (s/d).
- \_\_\_\_\_. *Passos no desenvolvimento de uma teoria de relações de objeto da personalidade*. In: *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega, [1949] (s/d).
- \_\_\_\_\_. (1955) *In defence of the Object relations theory* (pp. 111-128). In: *From instinct to self: selected papers of W.R.D. Fairbairn*. Vol. I. New Jersey, London: Aronson, 1994.

\_\_\_\_\_. (1958) *On the nature and aims of psychoanalytical treatment* (74-102). In: *From instinct to self: selected papers of W.R.D. Fairbairn*. Vol. I. New Jersey, London: Aronson, 1994.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2018.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio, ARAÚJO, Téo. *Fairbairn em sete lições*. São Paulo: Escuta, 2013.

FINE, Reuben. *A história da Psicanálise*. São Paulo: LTC/EDUSP, 1981.

FREUD, Sigmund. (1891) *Sobre a concepção das afásias: um estudo crítico*. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud – Edição Bilingue*. São Paulo: Autêntica, 2013. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

\_\_\_\_\_. (1950 [1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1910) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1911) *Formulações sobre dois princípios do funcionamento psíquico*. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*, Vol. 10, São Paulo, Companhia das Letras, 2010. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

\_\_\_\_\_. (1914) *Introdução ao Narcisismo*. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*, Vol. 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

\_\_\_\_\_. (1915) *As pulsões e seus destinos*. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud – Edição Bilingue*. São Paulo: Autêntica, 2013. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

\_\_\_\_\_. (1920) *Além do princípio do prazer*. In: *Sigmund Freud. Obras Completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: Uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, versão eletrônica.

GREEN, André. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. *O intrapsíquico e o intersubjetivo: pulsões e/ou relações de objeto*. Revista da Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, v.12, n, 1, p. 51-83, 2005.

\_\_\_\_\_. *A loucura privada. Psicanálise de casos-limite*. São Paulo: Escuta, 2017.

GREENBERG, Jay R.; MITCHELL, Stephen A. *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GURFINKEL, Décio. *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher, 2017.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

JUNQUEIRA, Camila. *Metapsicologia dos Limites*. São Paulo: Blucher, 2019.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MACMILLAN, Malcolm. *Freud evaluated: The complete arc*. Netherlands: Elsevier Science Publishers B.V, 1991.

MASSON, Jeffrey M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. São Paulo: Imago, 1986.

MITCHELL, Stephen A. *Fairbairn's object seeking: between paradigms* (pp. 115-135). In: N. J. Skolnick, & D. E. Scharff (Eds.), *Fairbairn then and now*. Hillsdale (NJ)/London: The Analytic Press 1998.

MEZAN, Renato. *O inconsciente segundo Karl Abraham*. Psicologia USP [online]. 1999, v. 10, n. 1, pp. 55-95. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100004>>.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

OGDEN, Thomas H. *Leituras Criativas: Ensaio sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta, 2014.

SCHARFF, David E.; BIRTLES, Ellinor F. *From Instinct to Self: Selected Papers of W. R. D. Fairbairn Volumes I e II*. Edited Northvale, New Jersey e London: Aronson, 1994.

SULLOWAY, Frank J. *Freud, biologist of the mind. Beyond the psychoanalytic legend*. Reino Unido: Fontana, 1980.

SUTHERLAND, John D. *Fairbairn's journey into the interior*. London: Free Association Books, 1989.

SUTIL, Carlos R. *Introducción a la obra de Ronald Fairbairn: Los orígenes del Psicoanálisis Relacional*. Madrid: Ágora Relacional, 2013. Versão eletrônica disponível em Kindle Cloud Reader.

TAVARES, Pedro H. *As "derivas" de um conceito em suas traduções: o caso do Trieb freudiano*. *Trabalhos em linguística aplicada, Campinas*, v. 50, n. 2, p. 379-392, Dec. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200009>.

WINNICOTT, Donald W. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.